# INTRODUÇÃO

# 1. AS VICISSITUDES DE UM GÉNERO

A carta, quer como documento quer como literatura – pela sua longa história e por ser um género propício para revelar pessoas¹ e pintar épocas... –, tem sido um objecto privilegiado da historiografia actual². Os arquétipos facilmente se circunscrevem... Da literatura latina são referências obrigatórias as *Epístolas* de Horácio, as cartas de Varrão, Plínio, Ovídio, Séneca e, sobretudo, as *Epistolae ad Familiares* de Cícero que fixaram um modelo amplamente imitado .

Na Idade Média codificaram-se os procedimentos expressivos e o género – na *imitatio* destes modelos literários – foi ganhando pretensões estilísticas e retóricas<sup>3</sup>. Petrarca – muito influenciado por Cícero – com as suas *Familiarum rerum libri XXIV* será um dos principais responsáveis pela revalorização da carta, circunscrita até então aos rígidos códigos das *artes dictaminis* e a finalidades eminentemente pragmáticas das actividade de chancelaria<sup>4</sup>. E ao formalismo regulador dos modos de expressão a utilizar pelos correspondentes, de acordo com as relações hierárquicas, veio contrapor-se, nas cartas familiares, o uso de um registo coloquial, embora cuidado, e a inclusão de breves apontamentos filosóficos e de reflexões morais...

No Renascimento – com obras de que pode ser exemplo o *Opus de conscribendis epistolis* de Erasmo e a *De conscribendis epistolis* de Vives<sup>6</sup> – teoriza-se sobre o género e dá-se-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Por alguma razão já se pôde colocar o «livro de cartas» nas origens da autobiografia moderna... – Gianluca GENOVESE, *La lettera oltre il genere: il libro di lettere, dall' Aretino al Doni, e le origini dell' autobiografia Moderna*, Miscellanea Erudita 77, Roma: Editrice Antenore, 2009.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Vejam-se, do ponto de vista literário, alguns dos trabalhos mais relevantes: Amedeo QUONDAM, Le "Carte Messaggiere". Retorica e modelli di comunicazione epistolare: per un índice dei libri di lettere del Cinquecento, Roma, Bulzoni Editore, 1981; Pedro MARTÍN BAÑOS, El arte epistolar en el Renacimiento europeo 1400-1600, Bilbao, Universidad de Deusto, 2005; Art de la lettre, Art de la conversation à l'époque classique en France. (Actes du colloque de Wolfenbüttel, octobre 1991) (dir. Bernard Bray et Christoph Strosetzki), Paris, Klincksieck, 1995; Luigi MATT, Teoria e prassi dell'epistolografia italiana tra Cinquecento e primo Seicento, Roma, Bonacci editore, 2005; Nicola LONGO, Letteratura e lettere, Roma, Bulzoni Editore, 1999; La Correspondencia en la Historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar. Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita (eds. Carlos Sáez y Antonio Castillo Gómez), Madrid, Calambur, 2002; La correspondance. (Actes du Colloque International), Aix-en-Provence, Université de Provence, 1985; Carmen CASTILLO, «La Epístola como género literario: De la Antigüedad a la Edad Media Latina», in Estudios Clásicos, 73, pp. 427-442; Jamile TRUEBA LAWAND, El arte epistolar en el Renacimiento Español, Madrid, Editorial Tamesis, 1996. Gonzalo PONTÓN, Correspondencias. Los origenes del arte epistolar en España, Madrid, Biblioteca Nueva, 2002.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Maria Lucília Gonçalves PIRES; José Adriano de Freitas CARVALHO, *História Crítica da Literatura Portuguesa – Maneirismo e Barroco –*, Editorial Verbo, Lisboa, 2001, p. 435.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Ugo DOTTI, «Introduction» a Pétrarque. Lettres Familières, Paris, Les Belles Lettres, 2002, XXXVII-XXXIX.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Erasmus ROTERODAMUS, D. Erasmi Roterodami Opus de conscribendis epistolis, quod quidam & mendosum, & mutilum aediderant, recognitum ab autore & locupletatum. Parabolarum siue Similium liber ab autore recognitus, Basileae, Ioannis Frobenii, 1522.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Juan Luis VIVES, *De conscribendis epistolis Ioannis Ludouici Viuis Valentini libellus uere aureus. Des. Erasmi Roterodami compendium postremo iam ab eodem recognitum...*, Basileae, Balthasarem Lasium & Thomam Platterum,1536, 8.°.

-lhe o bom gosto humanístico... E as artes de Retórica, sobretudo ao individualizarem os estilos, deram contributos importantíssimos para a feitura das cartas segundo os preceitos da melhor perfeição literária que os epistológrafos procuravam atingir<sup>7</sup>.

E nos alvores da Modernidade há uma redescoberta das potencialidades das cartas e uma efusão do género. Entre os mais prestigiados epistológrafos encontram-se Luís de Vives, Frei António de Guevara – que publicou, em 1542, as suas *Epístolas Familiares*<sup>8</sup>, que tiveram um largo sucesso na Europa -, o «divinamente» maldizente Aretino, Justo Lípsio, que iniciou a publicação das suas cartas em 1586 e Santa Teresa, cuja correspondência em originais e em cópias de cópias circulou abundantemente antes de vir a ser recolhida em edição autónoma, ampla e incompletíssima<sup>9</sup>... O conhecimento dos textos de referência<sup>10</sup>, os numerosos «secretários», principalmente de origem italiana e espanhola, que circularam na Europa entre os séculos XVI e XVII<sup>11</sup>, e os colégios de jesuítas<sup>12</sup> – em que a aprendizagem da redacção de missivas fazia parte das matérias curriculares, seguindo os modelos clássicos de Cícero para as cartas familiares e de Séneca, para as cartas morais... – foram factores determinantes para a divulgação e definição da prática epistolar que - à semelhança de tantas outras manifestações artísticas e culturais... - foi sendo cada vez mais determinada e predefinida... O regrar, o estereotipar tudo, desde a política à mística, acarretou para a epistolografia particulares complexidades expressivas, começando pelas formas de cortesia, passando pela estrutura e acabando no estilo<sup>13</sup>...

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Sobre os epistológrafos portugueses, a obra de Andrée Crabbé Rocha (*A epistolografia em Portugal*, Coimbra, Livraria Almedina, 1965), sem fazer do género qualquer abordagem teórica, limita-se a uma enumeração defectiva apontando nomes como o Infante D. Pedro, Frei João Álvares, Lopo de Almeida, Frei João Claro, Pêro Vaz de Caminha, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, Diogo do Couto, Frei Bernardo de Brito, D. Vicente Nogueira...

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Antonio de GUEVARA, (O.F.M.), Libro primero [-segunda parte] de las epistolas familiares / del Illustre señor Don Antonio de Gueuara, Obispo de Mondoñedo..., Valladolid, Juan de Villaquiran, 1542, fol.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Teresa de JESUS (1515-1582), Cartas de la gloriosa madre santa Teresa de Iesus. Con Notas del excelentissimo, y reuerendissimo don Iuan de Palafox, y Mendoza..., Zaragoça, Diego Dormer, 1658, 4.º; Nieves Baranda, por exemplo, mostra que – apesar de ainda tímido... – houve um número crescente de «escritoras espanholas» no século XVI. A mudança ter-se-ia verificado a partir de 1588, ano da publicação das obras de Santa Teresa que tiveram notado impacto – Nieves BARANDA, «Las escritoras españolas en el siglo XVI: la ausencia de una tradición literaria propia» in Las mujeres escritoras en la historia de la Literatura Española, (Coord. de Lucía Montejo Gurruchaga e Nieves Baranda Leturio), Madrid, Ediciones UNED, 2002, pp. 34-54; Nieves BARANDA, Cortejo a Lo Prohibido: Lectoras y escritoras en la España Moderna, Arco Libros, Madrid, 2005.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Guevara e Justo Lípsio, por exemplo, eram bem conhecidos por D. Francisco Manuel de Melo.— cf. Mafalda Ferin CUNHA, «As Cartas Familiares: obra barroca, obra moderna», in *Península*. Revista de Estudos Ibéricos, n.º 6, 2009, pp. 77-92.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Francisco Rodrigues LOBO, *Corte na aldeia* (Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Carvalho), Lisboa, Editorial Presença, 1991, nota 7 ao Diálogo III, p. 95.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Veja-se, como exemplo, Bartolomé BRAVO (S.J.) (1554-1607), *Liber de conscribendis epistolis, ac de progymnasmatis...*, Segouiae: excudebat Petrus Rhemensis, 1591, 8.°; Mafalda Ferin CUNHA, «As Cartas Familiares...», ed. cit., p. 78.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Maria Lucília Gonçalves PIRES; José Adriano de Freitas CARVALHO, História Crítica..., ed. cit., p. 436; Adriano PROS-PERI, «Lettere spirituali» in Donna e fede. Santità e vita religiosa in Italia, L. Scaraffa e G. Zarri (edi.), Bari, Laterza, 2009, pp. 227-250; José Adriano de Freitas CARVALHO, Lectura Espiritual En la Península Ibérica (Siglos XVI-XVII), Semyr, Salamanca, 2007.

É incontornável, neste contexto, referir a teorização feita nos diálogos II e III da *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo (1619), dedicados à redacção de cartas. A prática epistolar é interpretada como um modo de conversar com os ausentes, cuja arte deve ser apanágio do cortesão polido, discreto e amável<sup>14</sup>. No diálogos II – «Da polícia e estilo das cartas missivas» – recomenda-se que tenham «cortesia comũa, regras direitas, letras juntas, razões apartadas, papel limpo, dobras iguais, chancela sutil e selo claro»<sup>15</sup>. E no Diálogo III – «Da maneira de escrever e da diferença das cartas missivas» – acrescentam-se preceitos mais concretos sobre a maneira de as compor a partir da descrição «de Marco Túlio, a quem todos seguem»<sup>16</sup>. Aliás, a obra de Rodrigues Lobo pode bem ser vista como um resumo de orientações vigentes, um compêndio de exemplos vários e de estilos diversos à semelhança do que acontecerá com as obras de Juan Fernández de Abarca<sup>17</sup>, de Francisco Bermudez de Pedraza<sup>18</sup>, ou de Juan Páez de Valenzuela y Castillejo<sup>19</sup>.

No que diz respeito a acervos em língua portuguesa – pelo menos de cartas designadas «familiares»... – o século XVII não é particularmente fértil. São as cartas de D. Francisco de Portugal (†1632) – o autor de *Arte de Galanteria* (Lisboa, 1670) – trocadas entre 1616 e 1631 com D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto e Arcebispo de Braga<sup>20</sup>; O pequeno espólio de Soror Brígida de Santo António (†1655) – Leonor de Mendanha, no século – copiadas por Fr. Agostinho de Santa Maria, O.S.A.D., na *História da admiravel vida e acções prodigiosas da venerável Madre Soror Brizida de Santo António*<sup>21</sup>, dirigidas a D. João IV e ao Dr. Pantaleão Rodrigues Pacheco, bispo eleito de Elvas, seus admiradores e protectores; as de D. Francisco Manuel de Melo († 1664) que têm, na história da epistolografia portuguesa do século XVII uma importância singular: para além de serem as únicas publicadas em vida do autor e apresentadas como uma antologia literária, oferecem também um extraordinário quadro do homem, da obra e da época<sup>22</sup>...; as de Fr. António das Chagas, O.F.M.

<sup>14</sup> Maria Lucília Gonçalves PIRES; José Adriano de Freitas CARVALHO, História Crítica..., ed. cit., pp. 123-124.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Francisco Rodrigues LOBO, Corte na aldeia..., ed. cit., p. 75.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Francisco Rodrigues LOBO, Corte na aldeia..., ed. cit., p. 89.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Juan Fernández de ABARCA, Discurso de las partes y calidades com que se forma un buen secretario, com una recopilación dei número que hay de cartas missivas para su ejercicio, Lisboa, P. Craesbeeck, 1618.

<sup>18</sup> Francisco Bermudez de PEDRAZA, El secretario del rey, Madrid, L. Sánchez, 1620.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Juan Páez de Valenzuela y CASTILLEJO, Para secretarios de señores y todo genero. Nuevo estilo y formulario de escrivir cartas missivas y responder a ellas..., Córdova, S. de Cea tessa, 1630.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Publicadas por Carlos Alberto FERREIRA, «D. Francisco de Portugal, autor de *Arte de Galanteria*. Poesias, Cartas inéditas e outras fontes manuscritas para o estudo da sua vida e obra», Coimbra, 1947 (Separata *Biblos*, XXII), pp. 94-131.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Fr. Agostinho de SANTA MARIA (O.S.A.D.), *História da admiravel vida e acções prodigiosas da venerável Madre Soror Brizida de Santo António*, Lisboa, A. Pedrozo Galram, 1701.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Edgar PRESTAGE, *D. Francisco Manuel de Mello. Esboço Biographico*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914; D. Francisco Manuel de MELO, *Cartas Familiares* (prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981; Aníbal Pinto CASTRO, «D. Francisco Manuel de Melo, um polígrafo de *cartas familiares*», in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, n.º 6, 2009: 12; Mafalda Ferin CUNHA, «As Cartas Familiares...», ed. cit., pp. 77-92.

(1631-1682), recolhidas por uma religiosa na Madre de Deus, que testemunham de uma forma admirável a espiritualidade barroca e a doutrina de um director espiritual<sup>23</sup>; as do Padre António Vieira († 1697) que legam uma riquíssima visão da política, da diplomacia, da missionação, do desterro, do processo inquisitorial que lhe foi movido e do o interesse pelas profecias<sup>24</sup>...; as do Padre Bartolomeu do Quental<sup>25</sup> († 1698) testemunhas fundamentais para a história e crescimento da fundação da Congregação do Oratório em Portugal; e as de Joana de Vasconcelos e Meneses, escritas entre 1642 e 1644 para o seu segundo marido, D. Diogo de Lima, futuro visconde de Vila Nova de Cerveira, na altura em que este andava nas campanhas do Alentejo da guerra da Restauração, documento ímpar da cultura feminina e matrimonial da época<sup>26</sup>.

E, para além destes, há mais dois *corpus* textuais de particular fortuna que há muito se impunha estudar: referimo-nos à correspondência de Vicente Nogueira (1585<sup>27</sup>-1654), destacado funcionário da Cúria papal e um bibliófilo singular, e Vasco Luís da Gama (1612-1676), 1.º Marquês de Niza, embaixador de D. João IV em Paris, um apreciador e esforçado coleccionador de livros...

As cartas de D. Vicente Nogueira – que tiveram como destinatário privilegiado o referido D. Vasco Luís da Gama – foram publicadas e anotadas pela primeira vez por Lopes da Silva em 1925<sup>28</sup>. Mais tarde, em 1972<sup>29</sup>, foram publicadas algumas outras por Andrée Crabbé Rocha. No entanto, este espólio nunca recebeu atenção suficiente que conduzisse à sua edição em termos rigorosos e ao seu estudo global. E a correspondência particular do Marquês de Niza foi apenas parcialmente tratada nos trabalhos de José Ramos Coelho<sup>30</sup>, mantendo-se até hoje por levantar e estudar.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Fr. António das CHAGAS, *Cartas Espirituais* (Selecção, prefácio e notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa), Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1957; Maria de Lurdes BELCHIOR, *Frei António das Chagas: um homem e um estilo do séc. XVII*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1953.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> António VIEIRA, *Cartas* (Coordenadas e anotadas por Lúcio de Azevedo), Lisboa, Imprensa Nacional, 1970-1971; Maria Lucília Gonçalves PIRES, «A epistolografia de Vieira, Perspectivas de leitura», in AA. VV., *Vieira Escritor*, (Organização de Margarida Vieira Mendes, Maria Lucília Gonçalves Pires, José da Costa Miranda), Lisboa, Edição Cosmos, 1997, 21-29.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> Bartolomeu do QUENTAL, *Lettres du Père Bartolomeu do Quental à la Congrégation de l'Oratoire de Braga* [29--IX-1685 a 22-XI-1698], (Leitura introdução e notas de Jean Girodon), Paris, Centro Cultural Português, 1973.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Joana de Vasconcelos e MENESES, *Cartas de Amor* (Leitura e edi. de Ana Lúcia Pinheiro de Oliveira), Porto, 1997 (Ed. policopiada).

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> «...entrando eu a 15 deste mês de Setembro em 65 anos»... – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-09-1650 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 702 v.; Na mesma carta escreve: «mas do mesmo modo é certo que se eu a não fizera pouco despois de ter cinquenta anos, não houvera chegado aos 65 nos quais sou entrado desde 15 deste Setembro» – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-09-1650 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 704 v.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> D. Vicente NOGUEIRA, *Cartas de D. Vicente Nogueira*, Publicadas pelo Director da Biblioteca Pública de Évora, A. J. Lopes da Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, sep. do «Arquivo de história e bibliografia – vol. I», 1925.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> Andrée Crabbé ROCHA, Cartas Inéditas ou Dispersas de Vicente Nogueira, Coimbra, Gráfica de Coimbra, s.d. [1972].

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> José RAMOS-COELHO, O primeiro Marquez de Niza, Lisboa, 1903 (sep. do «Archivo Histórico Portuguez», I).

São documentos singulares sobre a cultura portuguesa da época observada a partir de dois pólos privilegiados — Paris e Roma, o que permite (aos dois correspondentes e a nós...) calibrá-la no seu contexto europeu. É a leve crítica de costumes, são as notícias sobre a política e a diplomacia, sobre as formas várias de um exilado atenuar as saudades da pátria, são as apreciações sobre os ambientes e as personalidades que os interlocutores iam conhecendo... Bons exemplos são as novas sobre as lutas da família franciscana observante e os seus protagonistas..., e sobre o Padre Vieira por quem os interlocutores mostram uma admiração incondicional<sup>31</sup>.

Mas há um assunto que se impõe claramente, funcionando como *leit motiv* de toda a produção epistolográfica de dois correspondentes que só se conheciam por carta: é a questão das bibliotecas e dos livros – os livros aconselhados, pedidos, dispensáveis, inúteis<sup>32</sup>, os proibidos<sup>33</sup>, os autores reputados, as edições preferenciais, os preços e a concorrência do mercado do livro novo, ou, principalmente, em segunda mão, os coleccionadores, os leitores e as leituras... Todo um mundo da cultura escrita europeia...

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> «O Padre António Vieira é tão vivo que fica em minha companhia e é um grande sujeito. E começámos a entrar em alguns negócios de importância» — Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 15-10-1647 — B.N.P., cód. 2667, fól. 173 v.-174 r.; D. Vicente Nogueira sentia que o Padre António Vieira lhe tinha particular amizade... — Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-09-1650 — B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 702 v.; E de facto, na versão do Marquês, P. António Vieira teria falado ao rei sobre a pessoa e situação de D. Vicente Nogueira: «Tudo o que V. M. diz se acha no Padre António Vieira e não cuide V. M. que passa em Portugal vida folgada porque são muitos os émulos que tem. Mas os reis conhecem as grandes partes que neste religioso concorrem e assi fazem de sua pessoa a conta que é rezão com o que não fica lugar aos inimigos de obrar o que desejam. Quando chegou a Lisboa achou-me inda na Corte. Duas vezes falámos muito devagar em V. M. e me disse que o tinha já também começado a comunicar a El-Rei os particulares de V. M. Mas como eu neste meio tempo me parti não sei o que terá resultado das diligências» — Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, 27-01-51 — B.N.L., cód. 1977, fól. 99 v.-105 r.

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> Por exemplo, os livros de Roberto de Flud, os «concílios do Louvre», as obras de Scoto... – Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 101 r.; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-09-1650 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 704 v.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> Entre tantas outras: D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 26-6-49 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 546 r.-548 v.; Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 20-04-50 – B.N.L., cód. 1977, fól. 66 v.-72 r.

## 2. NOBRES E BIBLIÓFILOS

Embora não sejam propriamente escassas as referências a D. Vicente Nogueira (1585-1654)<sup>34</sup> – figura cuja importância, tanto como sábio, generoso dispensador de saberes e epistológrafo sempre foi unanimemente reconhecida –, nunca foi feito o estudo cuidado que a figura merece. Uma das explicações adiantadas tem a ver com as maculadoras «prá-

34 J. A. da Graça BARRETO, Série chronologica da correspondência (inédita) trocada entre Vicente Nogueira e outros personagens, in Boletim de bibliographia portugueza e revista dos archivos nacionaes, dir. de Annibal Fernandes Thomaz. – V. 1, n.º 1 (Jan. 1879) - V. 1, n.º 12 (Dez. 1879). - Coimbra: Imprensa da Universidade, 1879. - 23 cm http://purl.pt/63, pp. 28--32; Alfred MOREL-FATIO, «Vicente Noguera et son discours sur la langue et les auteurs d'Espagne», in Zeitschrift für romanische philologie, t. III, Halle, 1879; J. A. da Graça BARRETO, «Mais duas cartas de Vicente Nogueira», in Boletim de bibliographia portugueza e revista dos archivos nacionaes, Coimbra, Imprensa Academica, II, n.º 1 (Abril de 1880), pp. 59-73; J. A. da Graça BARRETO, Série chronologica da correspondência (impressa) trocada entre Vicente Nogueira e outros personagens, in Boletim de bibliographia portugueza e revista dos archivos nacionaes, Coimbra, Imprensa Academica, II, n.º 1 (1880), pp. 73--74; J. A. da Graça BARRETO, «Algumas notícias sobre Vicente Nogueira e o seu processo», in Boletim de bibliographia portugueza e revista dos archivos nacionaes, Coimbra, Imprensa Academica, II, n.º 4 (Abril de 1881), pp. 122-127; Sousa VITERBO, «Vicente Nogueira» – in Jomal da Manhã, n. 339, de 9 de Dezembro de 1889; Sousa VITERBO, A Litteratura Hespanhola em Portugal, sep. de «Hist. e Mem. da Acad.», t. VII, Parte II, n. 5, p. 92; 150,2]2-213 [= p. 272-273, 330-3, 392-393 do t. cit. das Mem.]; Domingos García PERES, Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en Castellano, Madrid, Imprenta dei Colegio Nacional de Sordo-Mudos y de Ciegos, 1890, p. 424-425.; Teófilo BRAGA, História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Pública Portuguesa, Lisboa, Academia das Ciências, 1895, II, p. 467 e 469-70; Joaquim de VASCONCELOS, EI-Rei D. João o 4.º, Porto, 1900, pp. 105 e 115; José RAMOS-COE-LHO, O primeiro Marquez de Niza - Notícias, Lisboa, Lisboa, sep. do «Archivo Histórico Portuguez», 1903; Maximiano LEMOS, Zacuto Lusitano: a sua vida e a sua obra, Porto, Eduardo Tavares Martins, 1909; Arlindo Camillo MONTEIRO, «Amor Sáfico e Socrático: estudo médico-forense», Arquivo do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, Edição do Autor, 1922, pp. 154-155; Arlindo Camillo MONTEIRO, «Il peccato nefando in Portogallo ed il tribunale dell'Inquisizione», in "Rassegna di Studi Sessuali e di Eugenica", [S.l.], 6 (2-3) 1926 e 7 (1) 1927; D. Vicente NOGUEIRA, Cartas de D. Vicente Nogueira..., ed. cit.; Moses Bensabat AMZALAK, As relações diplomáticas entre Portugal e a França no reinado de D. João IV (1640-1656), Documentos e Notas, Lisboa, 1934; José de CASTRO, Portugal em Roma, Lisboa, União Gráfica, 1939; Eduardo BRASÃO, A Restauração. Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668 – Relance da história diplomática de Portugal, Porto, 1940; Júlio de CASTILHO, Lisboa Antiga, Bairro Alto, Lisboa, C.M.L. 1954, I, p. 269; Júlio de CASTILHO, Ribeira de Lisboa, Lisboa, C.M.L., n, p. 251; Manuel Lopes de ALMEIDA, «D. Vicente Nogueira e o historiador de De Thou», in Arquivo de Bibliografia Portuguesa, Coimbra, ano 1, vol. I (Janeiro-Março de 1955), pp. 5-8; I.S. RÉVAH, «D. Vicente Nogueira et la Synagogue de Rome», in Arquivo de Bibliografia Portuguesa, dir. Manuel Lopes de Almeida (1900-1980), ano I, n.º 3 (Julho - Setembro de 1955), pp. 235-238; Diogo Barbosa MACHADO, Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica: na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até ao tempo presente, Lisboa, vol. III, 1752, pp. 784-85; Joaquim Veríssimo SERRÃO, «Manuscritos das Bibliotecas Públicas de França Referentes a Portugal», in Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, vol. IV, n. 3 (Julho-Setembro de 1963), p. 494; Andrée Crabbé ROCHA, A Epistolografia em Portugal, Coimbra, Almedina, 1965, p. 151-158; Andrée Crabbé ROCHA, «Uma carta inédita de D. Vicente Nogueira», in Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, III Série, n.º 13 (1971), pp. 355-360; Andrée Crabbé ROCHA, Cartas Inéditas ou Dispersas de Vicente Nogueira, Coimbra, Gráfica de Coimbra, s.d. [1972]; António BAIÃO, Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa, 3.ª ed., Lisboa, Seara Nova, 1972-1973, (1.º vol., pp. 195-202); Jorge PEIXOTO, «Para a História do Livro em Portugal: D. Vicente de Nogueira bibliógrafo do século XVII», in O Comércio do Porto, Porto. (25 Jul. 1972), p. 16; Joaquim Veríssimo SERRÃO, Historiografia Portuguesa, Lisboa, Verbo, II, p. 412-414; Luís Reis TORGAL, *Ideologia e Teoria Política na Restauração*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1981 e ticas nefandas» de pedofilia e sodomia – pecados que na altura não tinham perdão... – que lhe valeram a instauração de dois processos inquisitorias, a sentença de desterro perpétuo para a ilha do Príncipe e uma surpreendente fuga à Inquisição<sup>35</sup>...

Era filho de Francisco Nogueira, cavaleiro de São Tiago, Desembargador da Casa da Suplicação e membro do Conselho de Estado que, por razões de ofício, foi viver para Madrid, onde educou os seus dois filhos, Paulo Afonso e Vicente. Este último tinha apenas doze anos quando o rei Filipe III de Espanha o introduziu na sua Corte. Desde muito cedo, mostrou particular gosto pela leitura e pelo estudo... Disse saber latim e grego, hebreu tão bem como o português, algum caldeu e árabe, espanhol, italiano, francês e algum alemão. Seu pai trouxe de Roma um professor de grego que com eles residiu durante cinco anos... Estudou filosofia nas Universidades de Alcalá, Salamanca e Valladolid. A 15 de Outubro de 1607, matriculou-se em Cânones, em Coimbra, onde obteve, no ano seguinte, o grau de licenciado<sup>36</sup>.

Foi ordenado sacerdote em 1612 e nomeado Desembargador da Casa da Suplicação, cargo de que tomou posse em 13 de Março de 1613. Em 1627, é nomeado cónego da Sé de Lisboa, passando então a morar na Casa dos Bicos, junto ao rio Tejo. Torna-se um leitor compulsivo, um bibliófilo singular e um mecenas reconhecido. Usa as suas posses para subsidiar edições diversas, das quais adquire depois centenas de exemplares. Os autores ou editores, agradecendo as dádivas, dedicam-lhe elogiosas dedicatórias<sup>37</sup>.

1982, I e II; José Adriano de Freitas CARVALHO, «El club de los señores de las bibliotecas mortas? Nota a propósito de la librería del primer Marqués de Niza en el Portugal de mediados del siglo XVII» in Antonio Castillo Gómez (coord.) *Libro e lectura en la Península Ibérica y América*, Junta de Castilla y León, 2003, pp. 165-188; Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis», bibliografia e ciência política em D. Vicente Nogueira, (Lisboa, 1586-Roma, 1654), Nova Vega, Lisboa, 2004; Rafael VALLADARES, A Independência de Portugal, Guerra e Restauração 1640 – 1680, Esfera dos Livros, 2006; José Adriano de Freitas CARVALHO, *Lectura Espiritual En la Península Ibérica*...ed. cit., pp. 47-50; 118 n.

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, Processo n.º 4241; António BAIÃO, *Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa*, 3.ª ed., Lisboa, Seara Nova, 1972-1973, 1.º vol., pp. 191-202.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> Conta isto na carta a De Thou – de 28 de Setembro de 1615. Escrita originalmente em Castelhano, foi publicada nos *Historiarum libri CXXXVIII ab anno 1546 ad annum 1607*, *quibus adjuncti sunt Nic. Rigaltii de rebus gallicis libri tres et sylloge scriptorum varii generis et argumenti ad Thuanum vel thuaneam historiam pertinentium*, t. VII, c. 6, e, por Morel Fatio, em «Vicente Noguera et son Discours…», ed. cit., p. 7-8. A tradução Francesa – editada na *Histoire Universelle. Depuis 1543. jusqu'en 1607. Traduite sur l'Edition Latine de Londres*, Londres, 1734, XV, p. 360 e sgts. – foi reproduzida por Manuel Lopes de ALMEIDA, «D. Vicente Nogueira e o historiador de De Thou», in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, ano 1, vol. I (Janeiro-Março de 1955), p. 5-8; Veja-se também Martim de ALBUQUERQUE, «*Biblos» e «polis»…*, ed. cit., Apêndice documental.

<sup>37</sup> Luiz BRISEÑO DE CÓRDOVA, Obras de Francisco de Figueroa, laureado Pindaro hespañol publicadas por el licenciado Luis Tribaldos de Toledo chronista mayor del Rey nuestro señor por las Indias, bibliothecario del Conde de Olivares, Duque, y gran Canciller, &c. Dedicadas a Don Vicente Noguera, referendário da ambas signaturas de su Santidad, del Consejo de las dos Magestades, Cesarea y Católica, gentilhombre de la câmara del Sereníssimo Archiduque de Áustria, Leopoldo. Com todas las licencias necesarias. En Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1625; Garcilaso DE LA VEGA (1503-1536), Obras de Garci Lasso de la Veja Príncipe de los Poetas Castellanos. Cuidadosamente revistas en esta ultima edición por el Doctor Luis Briseño de Córdova, residente en Madrid. Dedicadas a Don Vicente Noguera, referendário da ambas signaturas de su Santidad, del Consejo de las dos Magestades, Cesarea y Católica, gentilhombre de la câmara del Sereníssimo Archiduque de Áustria, Leopoldo. Con todas las licencias necesarias. En Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1626; Diego Hurtado de MENDOZA, (1503-1575), Guerra de Granada, hecha por el Rey de España Don Felipe II Nuestro Señor, contra los moriscos de aquel Reyno, sus rebeldes. Historia escrita en quatro libros. Por Don Diego de

Com o anátema público que sobre ele cai com a sentença proferida em 8 de Janeiro de 1633 a vida de D. Vicente Nogueira transfigura-se: é a suspensão do exercício das ordens, o confisco de todos os bens – inclusive o da sua biblioteca, o que chorará toda a vida... – e a condenação ao degredo para a Ilha do Príncipe... Ainda requereu a possibilidade de ficar em Lisboa por mais algum tempo, mas um despacho de 3 de Junho de 1633 mandou que partisse imediatamente<sup>38</sup>.

Depois de outras atribulações<sup>39</sup> chega a Roma em  $1634^{40}$ , onde viverá, proscrito, até ao fim dos seus dias servindo, primeiro, o Cardeal Giulio Sacchetti – que fora Núncio apostólico em Madrid... – e, mais tarde, o Cardeal Francesco Barberini.

E D. Vicente Nogueira foi sempre um homem de muitas amizades e de muitos livros... Das relações que travou relevam as que manteve com o Condestável de Castela<sup>41</sup>, com Jacques de Thou<sup>42</sup> – e outras personalidades que deste eram próximas como Cristóvão Dupuy, Gassendi, Claude Peiresc... – com Galileu, Zacuto, com o profundamente admirado Lope de Vega – que com certeza conheceu pessoalmente e com quem se escrevia já em 1625 – com Vossius, Holstenius, Gabriel Naudé – bibliotecário dos cardeais Francesco di Bagni, Richelieu e Antonio Mazarino –, e com Fortuno Liceto<sup>43</sup>... E em Portugal, para além do monarca, correspondia-se com nobres, políticos e intelectuais como o célebre Manuel Severim de Faria, Cristóvão Soares de Abreu, diplomata em Munster e Paris, D. Francisco Manuel – digníssimos representantes portugueses da *Respublica Litteraria*... – e, claro, D. Vasco Luís da Gama, 1.º Marquês de Niza.

Mendoza, del Consejo del Emperador don Carlos V, (...) y por el dedicada a Don Vicente Noguera, referendário da ambas signaturas de su Santidad, del Consejo de las dos Magestades, Cesarea y Católica, gentilhombre de la câmara del Sereníssimo Archiduque de Áustria, Leopoldo, En Lisboa por Giraldo de la Viña, 1627; Gracia de Silva e FIGUEIROA, Hispanicae Historiae Breviarium, ad illustrem et generosum D. Don Vincentium Nogueram R. Pp. utriusque Signaturæ Referendarium, Sacrarum Majestatum Cesareæ et Catholicæ Consiliarium, Leopoldi Austriæ Archiducis Cubicularium (...) Olyssipone, apud Emmanuelem a Silva. 1628; Bento GIL, Directorium Advocatorum Et de Privilegiis eorum Autore Benedicto Aegidio Lusitano Pacensi, in suprema Lusitaniæ Supplicatione causarum Advocato, Ad illustrem et generosu, D.D. Vincentium Nogueiram Ecclesia Metropolitana Olysipponensis Caninicum (...), Olysippone, Apud Petrum Craesbeeck, 1630; Zacuti LUSITANI, Medici & Philosophi prestantissimi, De medicorum principum historia. Liber septimus. In quo proponitur Curatio omnium Morborum internorum. Amstelodami, apud Henrici Laurentii, 1641, in – 8.º. Veja-se também, nesta edição, Zacuto LUSITANO para D. Vicente de Nogueira, Roma, 30-8-1641.

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> A.N.T.T., *Processo de Vicente Nogueira*, (17/06/1631-9/02/1635), PT-TT-TSO/IL/28/4241. Só embarcaria, de facto, em 28 de Agosto de 1633... – Cf. António BAIÃO, *Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa*, 3.ª ed., Lisboa, Seara Nova, 1972-1973, 1.º vol., p. 198.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Andrée Crabbé ROCHA, Cartas Inéditas..., ed. cit., p. 11.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Em 1649 diz estar há 15 anos em Roma... – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 15-5-1649 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 540 r.-542 v.

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., p. 22, n. 45.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Cf. Manuel Lopes de ALMEIDA, «D. Vicente Nogueira e o historiador de De Thou»..., ed. cit., pp. 5-8; Martim de ALBU-QUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., p. 13.

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., pp. 25; 27-33.

D. Vasco Luís da Gama – de nascimento, 5.º Conde da Vidigueira, Marquês de Niza desde 18 de Outubro de 1646 e Almirante de Portugal... – , nasceu em 1612 e morreu em 1676. Logo após o movimento de 1 de Dezembro, D. João IV solicitou os seus préstimos. Em 1642 foi destacado, como embaixador, para França, levando António Moniz de Carvalho como secretário. Regressaria a 7 de Fevereiro de 1646. No início de 1647, voltou de novo a Paris com o título de embaixador extraordinário, mantendo-se ali até Abril de 1649. Em Portugal, ocupou vários cargos no aparelho de Estado: foi vedor da Fazenda da Repartição da Índia e, assim, deputado do Conselho da Fazenda, foi deputado da Junta dos Três Estados e membro do Conselho de Estado e do Conselho da Guerra. Estes três últimos cargos tê-los-ia ocupado nos reinados de D. João IV e de D. Afonso VI e na regência de D. Pedro. Na regência de D. Luísa foi também um dos ministros do despacho das «juntas nocturnas».

Em Paris, participou nas negociações de uma aliança Franco-lusa contra a Espanha e aderiu ao projecto, particularmente defendido por Vieira, de constituir uma junta de comércio com os fundos dos cristãos-novos, a quem seriam dadas certas garantias de isenção face aos confiscos inquisitoriais. No entanto, mais tarde, já então em Portugal, tomou posição contra tal isenção, que ofendia os princípios e os cofres do Santo Ofício e, como membro dos Conselhos do Estado e da Fazenda, votou o parecer que pedia a D. Luísa a extinção de tais garantias.

A sua curiosidade intelectual e o seu gosto pelo livro foi uma das suas facetas mais marcadas. Aliás, é a «razão dos livros» – particularmente históricos e políticos, mesmo alguns que se sabiam proibidos... – que vai motivar a correspondência e fortalecer os laços com várias personalidades como Jerónimo Nunes da Costa, que tratava dos negócios de Portugal em Amsterdão, com o cristão-novo Vila Real que o ajudou a penetrar no mundo político e económico francês quando esteve como embaixador em Paris e, claro, com D. Vicente Nogueira<sup>44</sup>...

E D. Vasco Luís da Gama foi inquestionavelmente um verdadeiro mecenas... Para além dos sinais de que poderia ter tido um papel importante como protector e promotor de um pequeno «foco de cultura portuguesa» em França onde, como se sabe, em Nantes – em 1644..., – se editaram as *Trovas* de Bandarra e, em 1646, em Roão, as *Rimas Várias* de Soror

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Sobre o Marquês de Niza veja-se: J. RAMOS-COELHO, *Manuel Fernandes Vila Real e o seu processo na Inquisição de Lisboa*, Lisboa, 1894, pp. 25-27; José RAMOS-COELHO, *O Primeiro Marquez de Niza*, Lisboa, 1903; Edgar PRESTAGE, «As duas embaixadas do 1.º Marquês de Niza a França (1642 a 1646 e 1647 a 1649)», Coimbra, 1919, sep. de *O Instituto*, vol. LXVI; Lúcio de AZEVEDO, *História dos cristãos novos portugueses*, Clássica Editora, 3.ª edição, Lisboa, 1989, pp. 247; 261; 277. As cartas de D. João IV para o Marquês de Niza estão publicadas: P. M. LARANJO COELHO, *Cartas de El-Rei D. João IV ao Conde da Vidigueira (Marquês de Niza), embaixador em França*, vols. I e II, 1940 e 1942. Veja-se ainda o *Processo de Manuel Fernandes Vila Real*, A. N. T. T., Inquisição de Lisboa, n.º 7794 (o testemunho do Marquês de Niza, está na 1.ª parte, fls. 60 e sg., e a «Declaração que faço eu Manuel Fernandes Villa Real, preso neste carcere do Sacto Officio», na 2.ª parte, fls. 1 e sgts.).

Violante do Céu..., são as traduções de Camões<sup>45</sup>, a edição da 12.ª Década de Couto<sup>46</sup> e a vontade – que de certo modo contrastava com a dos altos senhores portugueses... – de se tornar, à semelhança dos grandes senhores da Europa dos seus dias (Espanha incluída, evidentemente<sup>47</sup>...) um notado coleccionador de livros e de dar corpo a uma livraria pública capaz de servir e de impressionar Lisboa.

Mas era um apreciador de livros que não tinha muitos dotes nem muito tempo para ler: da língua latina sabia os *rudimenta*<sup>48</sup> e da francesa mostra-se um leitor pouco dotado<sup>49</sup>... E depois eram os muitos afazeres – principalmente como conselheiro de Estado – que o impredispunham para mergulhar em leituras<sup>50</sup>... Por isso mesmo, uma certa sofregridão de coleccionador e os critérios de aquisição tidos frequentemente por pouco fundados e abalizados, provocam uma inevitável reacção do erudito exilado em Roma<sup>51</sup>.

D. Vasco Luís da Gama teve, porém, o grande mérito de perceber que D. Vicente seria o agente ideal para construir o que ambicionava. Em Roma, para além do seu trabalho como

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 29-6-49 – B.N.L., cód. 1977, fól. 24 v.-27 r.; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 22-11-1649 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 514 v.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> «Aqui imprimi da outra vez a 12.ª Década de Couto do primeiro governo de meu pai que remeterei a V. M. por via do Senhor Cardeal. E achando V. M. nela algũa memória que sirva para Fr. Lucas, lha dará V. M.» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 15-10-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 173 v.-174 r.; «Cinco livros da Década 12 da Historia da India. Pariz. 1645 (Comprehende o governo do Vice-Rey D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira, que sahio à luz publica por diligencia do Capitão Manoel Fernandes Villa-Real, Consul de Portuguezes na Corte de Pariz)» – Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca lusitana...*, ed. cit., vol. I, p. 648.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> Fernando BOUZA, *Del Escribano a la biblioteca. La civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (siglos XV-XVII)*, Madrid: Síntesis, 1992; Fernando BOUZA, «Para qué imprimir: de autores, público, impressores y manuscritos en el Siglo de Oro», in *Cuadernos de Historia Moderna* (Madrid), 18 (1997), pp. 31-50; Pedro M. CÁTEDRA, *Nobleza y lectura en tiempos de Felipe II: la biblioteca de don Alonso Osorio Marqués de Astorga*, Consejería de Educación y Cultura, 2002; Pedro M. CÁTEDRA, *De libros, librerías, imprentas y lectores*, Ediciones Universidad de Salamanca, Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas, 2002.

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 23-8-47 – B.N.L., cód. 2667, fól. 133 r.-133 v.; Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 15-10-47 – B.N.L., cód. 2667, fól. 173 v.-174 r.; D. Vicente Nogueira lamenta que o Marquês não tivesse tido melhores mestres de língua latina... – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 22-11-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 512 v.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> O Capitão de Vila Real, por ainda estar preso na «casa do Rossio», não lhe podia fazer a tradução «do livro do Duque de Ruão» que o Marquês tinha em mãos... Por isso, ia começar a ler em francês, mal ou bem... – Cf. Carta do Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 20-04-50, B.N.L., cód. 1977, fól. 69 r.

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 20-04-50 – B.N.L., cód. 1977, fól. 69 r.; Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 31-05-54 – B.N.L., cód. 1977, fól. 188 r.; Cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, «El club de los señores de las bibliotecas mortas?...», ed. cit., pp. 165-188; Em determinada altura confessou não conseguir terminar a leitura das obras do Padre Juan Eusebio Nieremberg: «Já tenho avisado a V. M. como tenho as obras do Padre João Eusébio e nelas os livros que V. M. me avisa, os quais a Marquesa tem lido mais vezes que eu por eu não ter mais tempo que para me levantar às 4 da manhã e estar pouco mais das 6 na Ribeira das Naus. Das 7 até às 10 no conselho da fazenda, e das 10 até perto das 12 nos almazens. E as tardes ou em conselho de estado ou na junta dos três estados com que fico tendo de meu só algum domingo, como foi o de hoje em que respondo às cartas de V. M.» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 31-5-1654 – B.N.L., cód. 1977, fól. 187 v. -188 r. <sup>51</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8-3-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 522 r.-523 v.

dependente, o nobre exilado dedicava-se a fazer aquilo de que mais gostava: comprar, ler, coleccionar e vender livros... E durante anos aceitará a incumbência de aconselhar e adquirir exemplares para a biblioteca de D. João IV, do Marquês Almirante e de outros senhores... E fazia-o de uma forma empenhadíssima... Numa carta de 22 de Novembro de 1649, mostrando algum ressentimento por sentir que o Marquês relativizava muitas vezes os seus conselhos e avisos, vê-se coagido a falar dos seus dotes:

«Eu pois – escreve – conhecendo que na repartição das fortunas, me deu Deus ũa tão limitada como a de bacharel, filho e neto de bacharéis (inda que subindo atrás, algo mais que bacharelice) me determinei a queimar as pestanas em saber, trabalhando mais que quantos homens conheço ou por vista ou por história, sendo inda hoje o meu estudar dez horas cada dia, como a outros meia. E vendo ser para isso necessário livros, desde idade de 14, quando apenas sabia latim, comecei a manejá-los com livreiros doutos, príncipes, comunidades. E com o muito estudo e lição (...) procurei vê-los, lê-los, e examiná-los, precedendo muito tempo e dinheiro gastado (mas a Deus graças não perdido) em perfeito conhecimento das três línguas do título da cruz, mães de todas as mães. E posso assegurar (debaixo do secreto natural, e fidalguia de V. S. que a toda a outra pessoa seria doudice, nem inda acená-lo) que não há homem que nestes cinquenta anos tanto haja lido. Porque deixado livros que por bons hei lido muitas vezes, há muitos que li ũa, muitos que a metade, muitos que um terço. E nenhum de quantos hei lido se me há passado sem ler dele tal parte que possa julgar, do siso juízo e fundo de seu autor, o que tudo V. S. verá» <sup>52</sup>.

E isto que escrevia D. Vicente em 1649 já o havia divulgado, em 1630, Lope de Vega em *Laurel de Apolo*, em que consagra o erudito português como sábio e poeta ao escrever:

«Entre los cuales, si favor me diera la décima divina moradora de aquella fuente, que al nacer la aurora en sus ondas de plata reverbera, don Vicente Noguera tuviera asiento entre latinos graves, laurel entre toscanos, palma entre castellanos, por la dulzura del hablar suave, y entre franceses y alemanes fuera florida primavera; que como ella de tantas diferencias

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 22-11-1649 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 513 r.

de alegres flores se compone y viste, así de varias lenguas y de ciencias, en que la docta erudición consiste, qué libro se escribió que no le viese? Qué ingenio floreció que non le honrase? En qué lengua se habló que no supiese? Qué ciencia se inventó que no alcanzase?...»<sup>53</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> Lope de VEGA, *Laurel de Apolo*, Edizione, note, catalogo, indici di Christian Giaffreda; Introduzione di Maria Grazia Profeti, Alinea Editrice, Firenze, 2002, III, vv. 165-184, pp. 154-155.

## 3. DAS BIBLIOTECAS DE LISBOA

«Quando saí de Portugal – escreve D. Vicente – tirado D. Rodrigo da Cunha e D. Fernando de Alvea, de particulares, e S. Eloi de livros de direito herdados de Lourenço Mourão e S. Roque de livros exquisitos do Bispo de Portalegre Lopo Soares d'Albergaria, de comunidades (porque a grande livreria de Francisco Vaz Pinto estava fechada) não havia cousa que o gato levasse<sup>54</sup>. Havia bem de língua castelhana e portuguesa ũa perfeitíssima livraria, que quasi toda eu desflorei, que tinha e vendeu por capricho ou raiva um João Coelho escrivão da chancelaria da Casa da Suplicação. Mas não chegava à que em Madrid, só castelhana sem livro algum de outra língua (tirado ũa Bíblia latina), tinha de cinco mil volumes Dom João de Saldierna no ano de 22, e hoje chegará já a sete ou oito mil volumes. E hei-me alegrado de que a nossa fidalguia tão bárbara em outro tempo que se presava de não saber fazer o seu sinal se não de ũa muito ruim letra fazendo, esteja hoje tão sólida e erudita que tudo estude e tudo queira saber, e empreguem sua fazenda em tão singular ornamento como livros, e não haja quem me diga que por isso não fazem as bravuras e proezas de então, porque este mal nace de outros princípios que as sciências e estudos nunca embotaram as armas»<sup>55</sup>.

De facto – mesmo com a distância cultural entre Portugal e a Europa no que à bibliofilia diz respeito... – haverá sempre que considerar que os movimentos humanistas, as correntes de reforma protestantes, as guerras religiosas acarretaram para as casas eclesiásticas, e consequentemente para as suas colecções e bibliotecas, uma marcada desvalorização... E a esta crise latente das bibliotecas que poderíamos designar como tradicionais opunha-se a novidade e o prestígio das colectâneas privadas. É sinal disso mesmo o facto de em França, na primeira metade do século XVII, as mais prestigiadas bibliotecas serem pertença de altos senhores como Jacques-Auguste de Thou († 1617), presidente do Parlamento de Paris – considerada na época como o modelo de uma biblioteca erudita<sup>56</sup> – e Henri II de Mesmes (†1650) a quem Naudé dedica os *Advis*<sup>57</sup>.

E era a este novo aprazimento da nobreza da época – pela erudição, pela vontade de se ornamentar com livros... – que o Marquês, usando os favores e as saberes de D. Vicente Nogueira, queria corresponder superando o que de melhor havia em Lisboa... E esta faceta de bibliófilo e de entendido em bibliotecas, tão vigorosa nas cartas que editamos, revela

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> À margem: «O médico D.º Borges tinha também muitos livros e muito escolhidos, porque tinha muita notícia deles e boníssima eleicão».

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> D. Vicente NOGUEIRA para Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 v.

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> Antoine CORON, «Ut prosint aliis, Jacques-Auguste de Thou et sa bibliothèque», in *Les bibliothèques sous l'Ancien Régime*, Paris, Promodis-Cercle de la librairie, 1988, pp. 101-125.

<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> Gabriel NAUDÉ, *Advis pour dresser une bibliotheque* – Reproduction de l'édition de 1644, précédée de «L'*Advis*, manifeste de la bibliothèque érudite» par Claude Jolly directeur de la bibliothèque de la Sorbone, Paris, Klincksieck, 2.ª edição 1994, p. VIII.

bem como o prelado português sintonizava com os saberes da época e como dialogava com as autoridades reconhecidas.

Um exemplo elucidativo é a proximidade que D. Vicente tem – no percurso, nos gostos e nos dotes... – relativamente ao contemporâneo, já referido, Gabriel Naudé, cuja pessoa e obra com certeza conhecia e admirava<sup>58</sup>. Sem que saibamos se chegaram a conhecer-se pessoalmente, as suas vidas cruzaram-se em Roma, onde o bibliófilo francês estanciou, numa segunda incursão, de 1631 até 1641. Ambos foram amantes dos livros, conselheiros bibliotecários, adjuvantes de cardeais, admiradores de Maquiavel e da política veneziana, amigos comuns e correspondentes de muitas personalidades<sup>59</sup>.

No entanto, ao contrário de Naudé, D. Vicente nunca conseguiu o lugar que sentia merecer como emérito bibliófilo. Confessava não temer o concurso com os bibliotecários mais célebres, como os da Vaticana, ou da Barberina, e manteve durante muito tempo o sonho de ocupar o lugar de guarda-mor da Torre do Tombo<sup>60</sup> ou de bibliotecário de D. João IV<sup>61</sup>. Ainda nos tempos em que vivia em Madrid, com propósitos similares ao *Advis pour dresser une bibliotheque*<sup>62</sup>, escreveu um pequeno tratado – que D. Vasco lhe pedirá porque alguém lho havia elogiado<sup>63</sup>... – sobre a organização, as regras de funcionamento,

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> Numa carta para Fortunio Liceto (de 26 de Novembro de 1638), Gabriel Naudé refere D. Vicente Nogueira: «aulicosque supra morem aulae, singulari judicio praestantes multumque literis humanioribus excultos Vincentium Nogheram et Donatum Lintellum (...) saluta» – Alfred MOREL-FATIO, «Vicente Noguera et son discours...», ed. cit., p. 23, n. 3; Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis», ed. cit., p. 35, n. 90.

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., p. 30-31.

<sup>&</sup>lt;sup>60</sup> «Na matéria de ofícios ou benefícios, não tenho que acrescentar ao já dito se não que se V. S. achasse vago ou próximo a vagar, o de guarda-mor da Torre do Tombo, que não seria dos que eu peior serviria, principalmente se me desse a habitação nas casas da mesma torre, donde sempre a estivesse cultivando e ordenando conforme ao engenho que tenho divisivo e arquitectónico, e cuidaria não ser muito inferior a Damião de Goes, que é o maior homem que teve aquela ocupação. E quando – ou neste ofício, ou em algum dos tribunais nomeados – S. Majestade se servisse de empregar-me em algum lugar supemumerário e quisesse que, até vagar o ordinário, eu servisse sem salário, inda me estaria bem porque nenhum chega ao que me ele hoje dá, e sem crescer-lhe gasto teria mais um voto, que não seria quiçá o ínfimo de todos» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8-2-49 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 654 r.-657 v.; «Vendo-me sem resposta de V. S., nem esperança dela, escrevi por o Padre Manuel Pacheco a Pedro Vieira ũa longa em que lhe dezia me valesse e aconselhasse no ponto de tornar-me a Portugal se achasse inconvenientes. Despois que V. S. me escreveu, que El-Rei atendia a livros, lhe escrevi poucas regras no correio passado, inculcando-me para isso, e para o ofício de guardar-mor da Torre do Tombo, que vagou polo desembargador do Paço António Ribeiro, que se V. S. e o amigo me desejam aí, creio proverão em mi. Dou a V. S. mil graças de haver-se abocado a tratá-lo com o amigo, e tudo quanto tiver de boa sorte reconhecerei vir-me dessas mãos.» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 22-11-49 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 508 r.-515 r.

<sup>61 «</sup>Muito me importava haver chegado Fr. Manuel Pacheco antes que aí se provesse o ofício de guarda-mor da Torre do Tombo, porque se houvesse de tornar a Lisboa, aquele e o de bibliotecário d'El-Rei e de V. S. me seriam muito a propósito» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 29-1-50 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 681 r.-682 v.

<sup>&</sup>lt;sup>62</sup> A primeira edição foi em 1627 e a segunda em 1644 – Cf. Gabriel NAUDÉ, Advis pour dresser une bibliotheque..., ed. cit., p. V.

<sup>63 «...</sup>muito estimarei que V. M. me queira mandar (se é que o tem) o tratado que me diz fez em Madrid sobre o como se há-de formar ũa livraria, assi por ser de V. M. como por mo gabar muito Fr. Francisco» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 27-9-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 159 v.-160 v.

enfim, a arte de compor uma biblioteca. Em 21 de Outubro de 1647, a este respeito, D. Vicente responderá: «O papel que fiz em Madrid era cousa bem ordenada, e como um relógio. Mas nem o tenho à mão, nem o tempo me deixou fazer se não este esboço, e inda às panderetas»<sup>64</sup>.

Evidentemente, nas correspondência que agora editamos são férteis as alusões à conveniente figura da almejada biblioteca do Marquês. E há uma clara sintonia entre os princípios e as metodologias esplanadas nos *Advis* e os que são defendidos por D. Vicente. É a interpretação da biblioteca de referência como um lugar em que se deve reunir tudo o que for útil à comunidade erudita, é a ideia da primazia da qualidade, da importância da modernidade, da recusa de exclusões dogmáticas, do enciclopedismo e, enfim, da biblioteca como um lugar aprazível e aberto à *Respublica Litteraria*<sup>65</sup>...

Segundo as directrizes que dá ao Marquês de Niza, tudo deveria começar por um catálogo bem organizado. «Quanto ao catálogo de V. S., - escreve D. Vicente na já referida carta de 21 de Outubro de 1647 – maravilhou-me muito a riqueza de tantos e tão excelentes livros, realmente dignos de tal senhor. Mas inda me maravilhou não menos a confusão e caos – e falo com V. S. como com meu amo – e que, com ter felicíssimo natural e grande juízo, lhe há faltado a felicidade de ter um douto pedagogo que, como Chiron Fénice, Aristóteles ou Demétrio Falereo, o guiasse a ser um eruditíssimo Príncipe»<sup>66</sup>. Por isso, sugeria ao Marquês que arranjasse algum homem douto e alguns lacaios e fossem separando, primeiramente, os livros por línguas. «Numa parede inteira, assentados uns sobre os outros, estejam todos os latinos de fólio, de 4.º, de 8.º, de 16.º, assi estampados como manuscritos»; «Noutra mea parede meta os castelhanos e na segunda meta os portugueses; noutra, italianos e franceses, e na parede em que ele está também outros diferentes, como gregos, hebreus, arábicos, etc.». Depois os lacaios, em cada monte, devem pôr «os de fólio uns sobre os outros, com as cabeças todas a uma parte, e passando de vinte, ir fazendo montes de tantos, e estes não chegados à parede, porque inda sem encosto, sendo grandes, estão firmes; e logo os de 4.º de per si, mais chegados à parede; mas encostados de todo a ela os de 8.º e os de 16.º que, por pequenos, quando passassem de seis, cairiam. Feito isto em cada língua, se começarão a levar só os de fólio ao exame, onde o comandante irá vendo um a um e fazendo então montes de cada um nas matérias seguintes, verbigratia, na língua latina»<sup>67</sup>. E são sete os filões sugeridos: Teologia; Jurisprudência; Medicina; Filosofia; «Matemática, geometria, álgebra, aritmética, astronomia, astrologia, música, não de cantar, mas de compôr, livros de arquitectura, fortificações, arte

<sup>64</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 21-10-47 - B. P. E, cód.CVI/2-11, fól. 533 r.-534 v.; 579 r.-582 v.

<sup>65</sup> Gabriel NAUDÉ, Advis pour dresser une bibliotheque..., ed. cit., p. IX-X; XVII-XXII.

<sup>66</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 21-10-1647 – B. P. E, cód.CVI/2-11, fól. 533 r.-534 v.; 579 r.-582 v.

<sup>67</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 21-10-1647 - B. P. E, cód.CVI/2-11, fól. 533 r.-534 v.; 579 r.-582 v.

de navegar»; Histórias<sup>68</sup>; e, por fim, Humanidades. E continuam os conselhos para bem organizar o índex seguindo esta filosofia: formato do livro, listagem dos autores, na língua em que estão, por ordem alfabética seguidos dos títulos respectivos<sup>69</sup>...

E depois, na opinião de D. Vicente Nogueira, tudo na biblioteca deveria ser selecto... Mais do que uma simples tribuna bibliográfica, interessava empreender um verdadeiro museu para honra do Marquês, benefício de Portugal e proveito do público em geral. Tudo – desde o sítio, as estantes, as encadernações, a decoração envolvente... – deveria concorrer para que fosse um espaço privilegiado e distinto.

Em primeiro lugar, importava selectividade na escolha das obras. A um senhor, aliás, não interessava possuir todas as espécies de livros<sup>70</sup>... Isso traria para a biblioteca um notada vulgaridade... Dos muitos conselhos dados por Nogueira fica claro o privilégio que dá às obras de referência e de actualidade nas áreas da História, das boas letras, da ciência política, das matemáticas...; e dispensava bem – por várias vezes o diz... – obras fradescas... Quando manifesta a vontade de ter de novo – porque esta obra já fazia parte da biblioteca de Lisboa... – o terceiro volume do *Comentário a Ezequiel* de Jeronimo Prado e João Baptista Villalpandi, porque tém «a descrição da cidade de Jerusalém, e templo de Salamão com os mais curiosos tratados de matemática que pode haver», diz não fazer questão de gastar dinheiro nos primeiros dois, porque «contêm mais de pregações e frade-

<sup>68 «</sup>primeiro *teoricem*, quero dizer, os autores que dão preceitos e ensinam compô-las; e despois as mesmas, começando polas cronologias, sem as quais tudo é cegueira, e despois as histórias universais, e despois as particulares, geografias, atlantes, Ortelios, Laerto, muito dicto, e todas as navegações, etc. Ultimamente, livros políticos, já de ministros que andaram com a mão na massa, já de homens ociosos, que desde o seu canto cuidam governar o mundo, livros de alvitreiros» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 21-10-1647 – B. P. E, cód. CVI/2-11, fól. 533 r.-534 v.; 579 r.-582 v.

<sup>69 «</sup>Nada disto tem o catálogo de V. S., e está cheio de tais equívocos, que eu me não atrevo nem posso entendê-lo. E se os não houvera, tornara-lho a V. S. da minha mão tão bem ordenado que parecera a livreria de V. S. o dobro do que é. Que o ser pelo A. B. C. é catálogo pera o criado que, quando lhe pedirem o livro, vai correndo ao C pera saber onde o achará, mas não pera pessoa douta e curiosa, que quer ver juntas as matérias. Ora fornido o catálogo de todos os livros de fólio, sem ficar nenhum de nenhuma matéria, começar os de 4.º com a mesma ordem até ao cabo, despois os de 8.º, despois os de 16.º. Nestas quatro formas de fólio, 4.º, 8.º, 16.º, tem V. S. disposta bem sua livreria» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 21-10-1647 – B. P. E, cód.CVI/2-11, fól. 533 r.-534 v.; 579 r.-582 v.

<sup>&</sup>lt;sup>70</sup> «E se se me ageita comprar ũa famosa livreria de história avaliada em quinhentos cruzados, há V. S. de enriquecer a sua livraria, que possa estar ao par das melhores de Portugal, e inda de Roma. E se não na quantidade, pois as há de 30 e 40 mil escudos, mas si na qualidade, não havendo em tantos milhares nenhuns melhores que os bons de V. S. Que essa é a glória que tenho de prover-lhe tudo escolhido e selecto e oxalá não houvera V. S., antes e despois de conhecer-me, feito tantas compras apressadas, que eu lhe teria todos tão escolhidos ao tabuleiro, que quanto mais douto fosse quem na livraria entrasse, tanto mais tivesse de maravilhar-se, que para os ignorantes que têm só os olhos na encadernação ou ser de muitas ou poucas folhas, não é a livreria de V. S., nem eu quereria que o seja» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 4-7-1649 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 556 r.-557 v.; «V. S. se me preze não da quantidade dos seus livros que não será nunca tão grande como essas de Fr. Egídio e D. André, mas si da qualidade. E me crea que em nenhũa de quantas ouve nomear achará muito que envejar e não me espenda um vintém em certos livros do Louvre ou semelhantes de grande nome entre indoutos, mas somente no que lhe aconselhar quem bem entenda do mester» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 29-11-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 520 r.-521 v.

ria»<sup>71</sup>. E sobre a obra de Jerónimo Osório, sobrinho do homónimo Bispo do Algarve, escreve: «o moço, cónego de Évora, estando em Roma e cuidando fazer-se bispo por este caminho, fez ũa nobilíssima edição das obras de seu tio Bispo do Algarve e suas, em quatro volumes, que se vendiam a dous mil reis<sup>72</sup>. Comprei-os (...) e vi que perdi o dinheiro, porque os três últimos eram teologias e pregações de dúzias, e que se houvera estampado só o primeiro volume era obra insigne porque contém a vida do autor – muito para ler-se –, a história d'El-Rei D. Manuel, as cartas e outros excelentes livretes»<sup>73</sup>...

E depois aconselha D. Vasco Luís da Gama a comprar as melhores estantes à semelhança das que tinha o Cardeal Espada<sup>74</sup>, a usar as encadernações «a la paduana»<sup>75</sup>, a expor retratos de escritores de referência<sup>76</sup>... Aliás, nisto, o Marquês sempre seguiu à risca os alvitres de D. Vicente Nogueira. Já numa carta de 17 de Dezembro de 1649, escrevia: «De grande utilidade me tem sido a licença dos livros, porque foi causa de se me não abrirem na Inquisição os últimos três caixões, os quais eu também não tenho aberto por razão de andar fazendo novas estantes na minha torre que é a mais fermosa casa que tem Lisboa, e o seria muito mais com elas e com muitos quadros com que lhe não parece nada de parede. E tem nove janelas e o tecto mui bem dourado. E ando buscando ũa pessoa que me ponha os livros em ordem, como o estiverem darei aviso a V. M., e poderá ser o seja ainda nesta carta, se a nau se detiver, porque a começo hoje, véspora de Santa Teresa»<sup>77</sup>.

Dos esforços para dar forma à biblioteca – iniciados durante a segunda delegação do Marquês<sup>78</sup>... – já se viam resultados dois anos depois. Numa missiva de 10 de Junho de

<sup>&</sup>lt;sup>71</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 2-2-1647 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 625 r.-628 r.

<sup>&</sup>lt;sup>72</sup> Jeronymo, OSORIO, Hieronymi Osorii Lusitani episcopi Algarbiensis Opera omnia, Hieronymi Osorii nepotis canonici Eborensis diligentia in vnum collecta, & in quattuor volumina distributa..., Romae, Georgij Ferrarij, 1592 (Romae, Bartholomaei Bonfandini, 1592), 4 vol., 2.º.

<sup>&</sup>lt;sup>73</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 2-2-1647 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 625 r.-628 r.

<sup>&</sup>lt;sup>74</sup> «tem feito ũas nobilíssimas estantes pegadas nas paredes e forradas para não serem húmidas, douradas e com grandes galantarias» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 2-2-1647 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 625 r.-628 r.

<sup>&</sup>lt;sup>75</sup> «Nem o Papa nem nenhum príncipe italiano, tem melhor encadernação que «à la paduana», que é nos livros de folha e quarto serem com cartão cuberto de pergaminho, e os de 8.º, 12.º, 16.º só de pergaminho. Os de fólio a seis vinténs, e se é fólio muito grande ou livro muito grosso, oito. Os de quarto, a três vinténs e quatro. Os de 8.º a real e os pequenos a trinta reis» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17-2-1648 – B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 634-641 v.

<sup>&</sup>lt;sup>76</sup> «Não quis desarmar a livraria de meu Cardeal dos retratos que desejo mandar a V. S. para a sua, até vir de Veneza onde é ido o copiador, do qual me sirvo e quasi toda esta corte. Mas quando venha me não esquecerei, porque tenho grande memória daquilo que ũa vez me saiu da boca sem haver mister quem mo lembre, e todavia procure V. S. que se lhe faça em Madrid uma cópia do retrato de João de Barros que está na livraria do Condestable, que (se me não engana a memória) é diferentíssimo do que põem o Chantre de Évora na sua vida» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 21-5-1651 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 671 r.-674 r.

<sup>77</sup> Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 17-12-1649 – B.N.L., cód. 1977, fól. 54 v.-57 v.

<sup>&</sup>lt;sup>78</sup> A primeira comissão terminou em 7 de Fevereiro de 1646 - Cf. José RAMOS-COELHO, O primeiro Marquez de

1649, D. Vicente Nogueira falava do espólio conseguido como sendo – pelo menos na qualidade... – a melhor livraria de Portugal: «com outros dous ou três caixões, que meu ânimo lhe anda traçando que V. S. terá a melhor livreria de Portugal. Não digo a maior – que o será a de Fr. Egídio em Coimbra, e algũa desses famosos colégios da Companhia dali, Évora ou Lisboa –, mas melhor que elas na variedade das matérias, na eleição dos bons autores, na rareza deles e em não entrar imaginação de cousa que alí se não ache»<sup>79</sup>.

E, por tudo isto, é compreensível que em 1650, quando o Marquês, orgulhosamente, disponibilizou a biblioteca para os esperados leitores, resulte uma certa desilusão. De facto – ao contrário do esperado... – o espaço e os livros não conseguiram impressionar Lisboa... O interesse do Conde de Vimioso era a excepção que confirmava – naquilo que à relação com os livros dizia respeito... – uma realidade desoladora. «Por eu ter conhecido tudo o que há em V. M. – escreve o Marquês – é que estou pondo candeinhas a S. António, porque ajuste as cousas de forma que possa lograr a V. M. nesta Corte. E só estas esperanças poderão ser causa de eu me não desfazer da maior parte dos meus livros por se não poder crer a pouca curiosidade que há aqui deles e menos curiosos, não havendo pessoa que se canse a vir a esta minha torre a buscar um livro curioso. O Conde de Vimioso tiro desta conta, porque sempre os vem buscar e sabe com perfeição as três línguas – latinas, italianas e francesa – e é um fidalgo de grandíssimas partes» 80...

Niza..., ed. cit., p. 8; No início de 1647, voltou de novo a Paris com o título de embaixador extraordinário. Fica em França até Abril de 1649 – Edgar PRESTAGE, As duas Embaixadas do 1.º Marquês de Nisa..., ed. cit.; A «vontade de formar livraria» é já clara na primeira carta conhecida de D. Vicente Nogueira para o Marquês de Niza – de 2-2-1647 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 625 r.-628 r.; «Desejando estou me acabe de chegar o rol dos livros de V. M. e para conforme a ele me prover de alguns, sem embargo de não saber línguas. Mas como desejo de fazer em Portugal uma livraria pública é necessário ir provendo de todas as ciências». – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Amiens, 13-6-1647 – B.N.L., cód 2667, fól. 88 r.

<sup>&</sup>lt;sup>79</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 10-6-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 554 r.-555 v.; Tinha já, na altura, cerca de 3000 livros... – Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 17-12-1649 – B.N.L., cód. 1977, fól. 54 v.-57 v; Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 20-04-50 – B.N.L., cód. 1977, fól. 68 r.

<sup>&</sup>lt;sup>80</sup> Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 20-04-1650 – B.N.L., cód. 1977, fól. 69 v.; e também: Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, 27-01-1651 – B.N.L., cód. 1977, fól. 102 r.; D. Vasco deve referir-se a D. Luís de Portugal, 5.º Conde de Vimioso († 1655), ...«hum dos mais excellentes cavaleiros do seu tempo; erudito, com muita aplicação às bellas letras, instruido com primor na língua latina, e com conhecimento da grega, favorecido das musas... – D. António Caetano de SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portugueza*, Livro X, cap. 9.

## 4. LIVROS ACONSELHADOS, LIVROS COMPRADOS

Não é desajustado dizer que na correspondência entre D. Vasco e D. Vicente não há propriamente assuntos excluídos. E os livros aconselhados, pedidos, ou comprados – sempre com uma pensada selectividade – são de matérias e emanações diversíssimas... São os muitos livros de música – quase todos para satisfazer as demandas do Rei<sup>81</sup> –, os «matemáticos» sobre pedras e metais sobre pedras e metais de iconografia de geografia etc...

E é curioso reparar no facto de algumas áreas – que em princípio seriam merecedoras de grande decurso e cogitação – serem, em toda a correspondência, relegadas para um patamar subalterno. Isso acontece, por exemplo, com a parte literária, o mundo dos poetas... As excepções são as esporádicas e fugazes referências a *Os Lusíadas*<sup>86</sup>, a *Menina e* 

<sup>81</sup> Mesmo nos anos difíceis da Restauração, D. João IV pedia ao Marquês de Niza «livros e papeis» de música, mesmo que fossem de preço elevado, «pello muito gosto que com isso recebia» – Cf. P. M. Laranjo COELHO, *Cartas de El-rei D. João IV ao Conde de Vidigueira...*, ed. cit., pp. 78-119; 193-196. Em 1647 e 1648 intensificaram-se as solicitações do Rei – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 2-12-47 – B. A., Cód. 51-IX-6, fól. 351-352 v.; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17-2-48 – B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 634-641 v. Sobre os gostos , os saberes musicais de D. João IV e a sua singular «livraria de Música» veja-se Leonor Freire COSTA; Mafalda Soares da CUNHA, *D. João IV*, «Reis de Portugal», Temas e Debates, 2008, pp. 204-207; 317.

<sup>82 «</sup>Prado e Vilalpando foram dous jesuítas muito doutos não só em Teologia, mas em boas letras e matemáticos com os quaes Felipe 2.º, 3.º gastaram vinte quatro mil cruzados na impressão de um comentário de Ezequiel, em três tomos de fólio, dos quais o terceiro contém a descrição da cidade de Jerusalém, e templo de Salamão com os mais curiosos tratados de matemática que pode haver. Estes comprei em Lisboa por trinta cruzados a um frade domínico, e lá estão em Madrid na negra galeria del Ciesco. Desejava eu muito ocasião de ter este volume só, porque os dous primeiros contêm mais de pregações e fraderia» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 2-2-47 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 625 r.-628 r.

<sup>&</sup>lt;sup>83</sup> «E agora saiu o tomo doze de pedras preciosas e metais que vale três ou quatro cruzados, pelo que V. S. se não embarace aí neles, nem inda cá, porque ouço dizer, e já o sospeitava, que não trás nas pedras mais que o que diz Boodt nem nos metais mais que o Cesalpino – livros que V. S. tem – e são os originais de Aldobrando» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17-2-48 – B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 634-641 v.

<sup>84</sup> Como, por exemplo, a «...vida de Cristo estampada e Historiada do Padre Natal» que diz ser «ũa ascua de ouro» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 23-11-1648 – B. P. E, cód. 106/2-11, fól. 584 r.; Ou o «Livro da Coluna de Trajano»: «Diga-me V. S. se El-Rei ou o Príncipe, se deleitam com estremo da pintura, porque por poucos escudos posso haver de um empenho o livro da coluna trajana, que consta de 130 quadros de mão de Rafael de Urbino e seu discípulo e companheiro Júlio Romano, obra tão divina, que a começou o grande Rei Francisco, mas não se acabou se não 30 anos depois. É presente régio para quem o entende, principalmente se o acompanhar com as vidas dos pintores em três tomos belíssimos que me foram presenteados por quem os comprou de lanço por oito escudos» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17-2-48 – B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 634-641 v.

<sup>85 «</sup>Os livros de Monsieur Filou tenho todos como V. M. haverá visto no rol que lhe mandei, e assi todas as quatro partes do Atlas Maior belamente encadernados e dourados» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 15-10-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 173 v.-174 r.

<sup>86</sup> Normalmente as referências a Luís de Camões vêm a respeito das obras traduzidas, ou em vias de se traduzirem, por patrocínio do Marquês: «Se V. M. tem notícia que os Lusíadas do nosso Camões foram traduzidos em italiano me fará V. M. grande mercê de mos querer ali buscar, porque bem sabe V. M. as obrigações que lhe tenho, por me faltarem só nesta língua, tendo-as em português, castelhano e latim, e de novo os traduz aqui o Padre Macedo que V. M. bem conhece» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 24 de Maio de 1647 – B.N.L., cód. 2667, fól. 79 v.-80 r.; «A tradução dos Lusíadas pelo Bispo

*Moça*<sup>87</sup> e a Lope de Vega<sup>88</sup>... Talvez as circuntâncias biográficas e os contextos culturais diversos ajudem a explicar este facto, aparentemente estranho para alguém que protegeu, mecenaticamente, como vimos , as edições de Francisco de Figueroa e Garcilaso de la Vega...

Mas é claro que no meio da referida diversidade ganham relevo determinados âmbitos temáticos... O critério que aqui achámos conveniente foi o de nos concentrarmos nos círculos de maior relevo e tratarmos, em cada um deles, as obras compradas, aconselhadas e lidas como de referência... De facto, as esferas privilegiadas – por alvitre ou solicitação dos interlocutores... – são as da «arte política», da história, da espiritualidade e da literatura profética...

#### 4.1. Os tratados de Arte Política

Já foi evidenciada a importância que, entre os livros aconselhados e comprados, tiveram as obras de política ou de governo<sup>89</sup>. Os escritores da Antiguidade, que bem conhecia, eram, para D. Vicente, uma espécie de plataforma sobre a qual se construiu toda a «arte política». E interpretava com notada relutância os teorizadores medievais... Exceptuando a *Summa* de S. Tomás e o *De Planctu et Statu Ecclesiae* de Álvaro Pais, este legado parecialhe ter sofrido um irreversível efeito erosivo<sup>90</sup>. A este respeito, os depoimentos de Nogueira são particularmente claros:

Fr. Tomé de Faria comprei aqui, mas diz Fr. Francisco e outro religioso da Piedade que aqui tenho que não é boa obra» — Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Amiens, 25 de Julho de 1647 — B.N.L., cód. 2667, fól. 115 v.; «Com a tradução de Camões vai mui adiante. Com três meses espero lhe dê fim para se começar a imprimir» — Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 23 de Agosto de 1647 — B.N.P., cód. 2667, fól. 133 r.-133 v.; «O Padre Macedo tem acabado o segundo canto de Camões e começado o terceiro e eu escrito a Holanda por ver se nos querem lá tomar, com bom partido, a empressão, por ser excelente a de Astardam, e por aqui nos não haverem de deixar emprimir algũas oitavas em que se não fala bem dos franceses» — Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 6 de Setembro de 1647 — B.N.P., cód. 2667, fól. 145 r.-145 v.; Frei Francisco continua em apurar o Camões e tem já feito sete cantos.» — Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 29 de Junho de 1649 — B.N.P., cód. 1977, fól. 24 v.-27 r.: «Himos apurando o Camões, e diz o Padre Macedo que até dia de Janeiro poderemos começar a empressão. E já desejo se comece por entender será obra de estima neste reino e nos estranhos. E às pessoas de juízo tem aqui parecido a tradução por estremo bem» — Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 12 de Setembro de 1649 — B.N.L., cód. 1977, fól. 39 v.-46 r.; «O Camões será cousa insigne, mas se hei-de tornar, nem a impressão dele se comece nem V. S. disponha sem mi a livraria, porque tardará e acertará que inda que esses dous curiosos fidalgos estejam muito práticos, nunca será tanto como um velho envelhecido nisso» — D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 22 de Novembro de 1649 — B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 508 r.-515 r.

<sup>&</sup>lt;sup>87</sup> Por exemplo: «E conheci sua grande curiosidade em dar cinco reales por a *Menina e Moça»* – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 15 de Maio de 1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fl 540 r.-542 v.

<sup>88 «</sup>Muito folgo que V. S. tenha tudo o de Lope. Era o maior poeta que teve nem terá Espanha, mas inda melhor homem que poeta. E tirado algũa fragilidade da carne – a que comumente são sogeitos os tais grandes engenhos – no mais não tinha tanta malícia, como um minino de cinco anos, e a sua pena bendita não havendo nunca escrito ũa sátira e chovendo contra ele muitas cada dia» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17-2-48 – B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 634-641 v.

<sup>89</sup> Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., pp. 48-72.

<sup>90</sup> Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., pp. 49-50.

«Quando no rol de V. S. achei na sua livraria as obras de Scoto em doze volumes cuidei esmorecer de riso, e agora ao escrever me não estou pouco arreganhando, lembrando-me a raiva e graça com que o Condestable meu amo, avô do nosso Rei se impacientava contra seu sobrinho, o Duque de Alcalá, de vê-lo gastar dinheiro em livros scolásticos, e dizer-lhe que ele os haveria queimado se foram seus, porque não só eram livros impróprios de um grande senhor, mas inda desnecessários no mundo. E que se haviam de proibir e se concedessem ao menos só a frades ociosos que perdessem neles o tempo e o miolo. E se V. S. se achasse aqui nas conversações dos mais doutos e eruditos, e inda nos camarins dos cardeais, onde eles se atrevem a falar livre, lhes vira escarnecer dos livros desta matéria» 91.

Por isso, aconselhava D. Vasco Luís da Gama – com alguma ironia... – a libertar-se desse espólio, mas de modo que, tendo-o como valiosíssimo, o usasse para conseguir algum benefício... «Pelo que se com V. S. valho, aparelhe-se para fazer das tais obras algum grandioso presente a quem muito o estime, como a alguma comunidade de S. Francisco, e que nunca se presuma que V. S. o dá por tê-lo por inútil, antes como se privara a sua livreria de ũa jóia, que inda no dar tem lugar a arte, para se armar mais contra a ingratidão e granjear melhor o coração do acipiente, mas arte muito encuberta, porque se um gabasse o que dá seria tido por ventoso e não glorioso e antes há-de extenuá-lo e dizer que é cousa pouca, etc.» <sup>92</sup>.

Em matéria política, a literatura apreciada e aconselhada era a produzida pelos escritores modernos. E não lhe interessavam tanto os livros teóricos, especulativos ou pedagógicos preocupados com a educação de príncipes e monarcas<sup>93</sup>, mas as obras práticas, sobre a arte de governar e defender a «coisa pública» e os interesses dos governados. É por isso que recomenda a Pedro Mendes de Sampaio que o Almirante peça mais dois livros italianos, «grandissimos politicos», a saber, a *Historia do interdito de Venesa*<sup>94</sup> e a *Historia da origem e procedimento da inquisição de Veneza*<sup>95</sup> da autoria de Paolo Sarpi – (1552-1623)? – que admirava como homem de cultura, historiador da Igreja e brilhante polemista<sup>96</sup>. Considera esta última obra, aliás, «o mais importante livro, e que deverão ler sempre e reler os reis, que quiserem saber bem quanto devem e podem fazer em defensa dos seus vassalos inocentes: e não consentir que se façam injustiças com nome de justiça, mas aprenderem dos príncipes de Itália quanto estimam a vida do menor súbdito»<sup>97</sup>.

<sup>91</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 2-2-1647 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 625 r.-628 r.

<sup>92</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 2-2-1647 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 625 r.-628 r.

<sup>93</sup> Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., pp. 47-48.

<sup>94</sup> Paolo SARPI, Trattato dell' interdetto della santita di papa Paulo 5. nel quale si dimostra, che egli non e legitimamente publicato..., Veneza, Roberto Meietti, 1606, 4.º.

<sup>95</sup> Paolo SARPI, Discorso dell'origine, forma, leggi, ed vso dell'Vfficio dell'Inquisitione nella citta, e dominio di Venetia..., 1639. 4.º.
96 Com o pseudónimo Pietro Soave Polano, foi também autor de Historia del Concilio tridentino..., Londres, 1619; Paolo SARPI, Historia del Concilio tridentino di Pietro Soave Polano, 2.º edição, In Geneua, Pietro Auberto, 1629, 4.º. Corrado VIVANTI, Quattro lezioni su Paolo Sarpi, Memorie dell'Istituto Italiano per gli studi filosofici, 28, Bibliopolis, Napoli, 2005.

<sup>97</sup> De D. Vicente NOGUEIRA para Pedro Mendez de São Payo, (?), 20-1-1646 – A.N.T.T., Miscelânea Mss., tomo IV, fól. 375.

Entre todos os modernos relevava, porém, Nicolau Maquiavel que dizia – com nítido garbo... – conhecer de cor<sup>98</sup>... Numa carta para Pedro Mendes de São Paio, por exemplo, escrita em 20 de Janeiro de 1646, escreve: «...a República de Veneza tão aventejada em saber a todos os outros governos, alcançou do Papa licença para estampar deste Machiavello os *Discursos Políticos e Militares*, tirando-lhe certos capítulos que eram contra o domínio temporal do Papa, e ficando somente o que era bom e santo e político, e mudando o nome com um fingido das mesmas letras, que sendo o nome verdadeiro Nicolò Machiavelli se fingiu um nome que diz *Discursos políticos de Amadio Niccollucci*<sup>99</sup>, livro tão excelente que em poucos dias se venderam todos, e eu comprei um por boa dita para presentá-lo ao Secretário d'Estado Pedro Vieira da Silva, com intento de que em cada regra deste livro veja quam pouco sabem em Portugal de governo e quanto obram contra as regras da arte, e que realmente só a nação italiana naceu política, como se vê em Mazerino e Richelieu que inda que francês tinha alma italiana. Este livro pois deixo de presentar ao secretário e presento ao senhor Conde, que se saberá bem aproveitar dele, estudando-o como o *pater noster...*»<sup>100</sup>.

A paixão pelo florentino vinha de trás: a primeira biblioteca de D. Vicente – embora o inventário não registe *Il Principe* – era já rica em obras de Maquiavel. Dos *Discorsi* e das *Istorie Fiorentine*, tinha vários exemplares... E esta absolutização do escritor pode justificar uma tendência para relativizar outros autores da literatura política do século XVII como Botero ou Tácito<sup>101</sup>.

Depois dever-se-ia ler Bodin – a «Respublica et alia opera»<sup>102</sup> –, Sleidan<sup>103</sup>, o historiador tridentino condenado no Index de Roma em 1559 e 1564; Guicciardini, nomeadamente a «Historia dei Guicciardino stampata in Geneva, che e intiera<sup>104</sup>» e Goldast<sup>105</sup>...

<sup>98</sup> D. Vicente NOGUEIRA Para o Marquês de Niza, Roma, 8-3-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fl.522 r.-523 v.

<sup>&</sup>lt;sup>99</sup> Niccolo MACHIAVELLI, De discorsi politici, e militari libri tre, scielti fra grauissimi scrittori da Amadio Niecollucci toscano..., Venetia, Marco Ginammi, 1630, 4.º.

<sup>100</sup> A.N.T.T., Miscelânea Mss., tomo IV, fól. 375; «Quanto ao n.º 8, Machiavello, não dará licença o Papa a nenhum homem deste mundo, porque havendo-o eu lido vinte e oito anos, e sabendo-o de cor em modo que poderia escrevê-lo sem variar a sustância, haverá seis anos que o Papa Urbano me revogou a licença, dizendo que a nenhum homem do mundo a concederia, e que, se a concedesse, a minha licença tornasse a valer. E sei de certo que não se dará nem a um Rei, nem a um Cardeal» – D. Vicente NOGUEIRA para o Pedro Mendes de São Payo, (?), 20-1-1646 – A.N.T.T., Miscelânea Mss., tomo IV, fól. 375.

101 Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., p. 55.

<sup>&</sup>lt;sup>102</sup> Jean BODIN, De Republica libri sex, latine ab autore redditi, multo quam antea locupletiores, Lugduni, Iacobum Du-Puys, 1586, fol.

<sup>&</sup>lt;sup>103</sup> Johann SLEIDANUS (1506-1556), *De statu religionis et reipublicae Carolo quinto Caesare, comentarii: additus est liber XXVI* ... [Genève]: excudebat Conradus Badius, 1559, 16.º; Johannes SLEIDANUS (1506-1556), *De quatuor summis imperijs libri tres*, Lugd. Batavorum: ex officinâ Elzeviriana, 1624, 12.º.

<sup>&</sup>lt;sup>104</sup> Não conseguimos localizar a edição referida. Francesco GUICCIARDINI, (1483-1540), La Historia d'Italia di M. Francesco Guicciardini gentil'huomo fiorentino..., in Venetia, Girolamo Polo, 1599. 4.º.

<sup>105</sup> Melchior GOLDAST (1578-1635), Monarchia S. Romani imperii, siue Tractatus de iurisdictione imperiali seu regia, & pontificia seu sacerdotali..., Hanoviae, Thomae Willierij: impensis Conradi Biermanni & consort., 1611-1614, fol.; Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Pedro Mendes de São Payo, (?), 20-1-1646 – A.N.T.T., Miscelânea Mss., tomo IV, fól. 375.

Entre os nórdicos, tem particular empatia por Justo Lípsio, o autor dos *Politicorum Libri*<sup>106</sup> e do *De Constantia*<sup>107</sup>, apontado nas últimas décadas, exactamente por estas duas obras, como um dos «arquitectos» da construção do Estado Moderno. D. Vicente Nogueira já conhecia Lípsio antes dos processos inquisitoriais e ao criticar os rigores do Santo Ofício português, a propósito de um requerimento de Cristóvão Soares para que lhe fosse permitido ler as obras de Lípsio <sup>108</sup> – desse Lípsio que Francisco Fontes tinha já defendido em 1618 no seu *Libellus apologeticus pro Justo Lipsio et Ericio Puteano viris clarissimis* (Lisboa, P. Craesbeak, 1618)... – e ao interpretar a *De Constantia* como a obra ideal para antídoto dos males do tempo numa linha estóica<sup>109</sup>, mostra bem em que conta tinha o autor<sup>110</sup>...

Dos Espanhóis admira Saavedra Fajardo<sup>111</sup>, Alvia de Castro<sup>112</sup> – cujas obras existiam já na biblioteca apreendida<sup>113</sup> – e o já clássico Pedro Navarrete<sup>114</sup>...

Dos portugueses, conhecia os trabalhos de Sebastião César de Meneses – pelo qual, por razões várias, nunca nutriu grandes simpatias<sup>115</sup>... – de quem possuía a afamada *Suma* 

<sup>&</sup>lt;sup>106</sup> Justus LIPSIUS, *Politicorum siue Ciuilis doctrinae libri sex. Qui ad principatum maxime spectant. Additae Notae auctio-res...*, Antuerpiae: ex officina Plantiniana, apud uiduam, & Ioannem Moretum, 1596, 8.°.

<sup>&</sup>lt;sup>107</sup> Justus LIPSIUS, *De constantia libri duo. Qui alloquium praecipue continent in publicis malis*, Antuerpiae: ex Officina Plantiniana, apud viduam & filios Io. Moreti, 1615, 4.º.

<sup>108 «</sup>Hão-de rir aqui muito na congregação quando ler o Cardeal Ursino a petição de Cristóvão Soares para ler as obras de Justo Lípsio, mas são ignorâncias nossas de chorar. E eu cuido que lha não hão-de conceder, porque é cousa inaudita em Roma que haja parte na cristandade tão imperita que se proíba livro deste homem, que se tem aqui como Fr. Luís de Granada. Mas tais são lá aqueles doutíssimos revedores» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 9-1-1650 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 524 r.-525 v.

<sup>&</sup>lt;sup>109</sup> «Leia V. M. muito de propósito a *Constância* de Justo Lípsio, que é *alloquium in publicos males*, e sobretudo actue-se muito em que Deus quer tudo o que sucede, por mais que seja executado por mãos velhacas e ignorantes, e sentirá grande consolação…» — D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 6-2-1651 — B.A., 49-X-12, fól. 609 r.-610 v.

<sup>110</sup> Da livraria de D. Vicente Nogueira fazia também parte um livro de Lorenzo Ramírez de Prado, um «lipsiano célebre» – Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., p.53.

<sup>&</sup>lt;sup>111</sup> Diego de Saavedra FAJARDO (1584-1648), *Idea de un principe politico christiano: representada en cien empresas...*, Milan: [s.n.], 1642, 4.°; Diego de Saavedra FAJARDO, (1584-1648), *Corona gothica, castellana y austriaca: politicamente ilustrada: parte primera ...*, Munster, Juan Jansoni, 1646, 4.°.

<sup>&</sup>lt;sup>112</sup> Fernando Alvia de CASTRO, *Verdadera razon de Estado: discurso político ...*, Em Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1616, 4.º; Fernando Alvia de CASTRO, *Aphorismos y exemplos políticos y militares: sacados de la primera Decada de Iuan de Barros*, En Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1621, 4.º.

<sup>113</sup> Também no catálogo da biblioteca que lhe foi confiscada se elencava a primera parte da *Philosophia Moral* de Fr. Juan de Torres numa edição de Lisboa de 1602. – Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «*Biblos*» e «polis»..., ed. cit., p. 68; Juan de TORRES, (S.J.) (1547-1599), *Philosophia moral de principes para su buena criança y gouierno y para personas de todos estados...*, Burgos, Iuan Baptista Varesio; Diego Perez, 1602, fol.

<sup>114 «</sup>Tenho achado a política do secretário Navarrete, e não a primeira impressão que é desventurada, mas a segunda, com a consulta inteira do C.º Real a El-Rei, sobre o remédio da Monarquia de Espanha, como eu desejava e o estranhei ao autor» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marques de Niza, Roma, 8-3-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fl.522 r.-523 v.; Pedro Fernandez NAVARRETE, *Discursos políticos...*, Barcelona, Sebastian de Cormellas, 1621, 4.º; Pedro Fernandez NAVARRETE, *Conseruacion de monarquias y discursos políticos sobre la gran consulta que el conseio hizo al senor rey don Filipe tercero...*, Madrid, Imprenta Real, 1626, fol.

<sup>115</sup> Por um lado, nunca superou o arrependimento pelo facto de ter deixado escapar, para benefício de Sebastião

Política, por oferta que lhe fizera o Marquês de Niza<sup>116</sup> e, na biblioteca confiscada, a *Relectio de Ecclesiastica Hierarchia*<sup>117</sup>; Nicolau Monteiro<sup>118</sup>, Prior de Cedofeita e, mais tarde, Bispo do Porto; António Carvalho de Parada, Prior de Bucelas<sup>119</sup>... Mas a sua admiração maior ia para a *Historia dos varoens illustres do appelido Tavora*<sup>120</sup>, porque, como diz, «em língua Portuguesa não temos melhor peça política»<sup>121</sup>...

#### 4.2. Tratados de História

Também no que diz respeito aos livros de História – embora nunca se devam deixar de comprar os «clássicos» (os greco-latinos, antes de mais), sem os quais qualquer biblioteca ficaria mais manca, e os bizantinos Joannes Scylitzes<sup>122</sup>, George Frantz, Constantino

César, a riquíssima livraria de Alvia de Castro. Do mesmo sentimento partilhava o Marquês – «E quando a primeira vez me parti para França se me vendia toda a livraria de D. Fernando de Alvia por trezentos mil reis a prazos. Mas como eu ainda então andava com os olhos fechados, sem ver mundo, o não comprei, de que me tenho arrependido. E cuido que a comprou Sebastião César» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 30-8-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 133 r.-133 v.; Por outro lado, tinha-o por trapaceiro e mau pagador. Faltava-lhe ainda saber que o Bispo de Coimbra plagiara descaradamente a obra de Scipione di Castro na Summa Política – Cf. Martim de ALBUQUERQUE, Um Percurso da Construção Ideológica do Estado – a recepção lipsiana em Portugal: estoicismo e prudência política, Quetzal Editores, Lisboa, 2002, pp. 154; 203-269; Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis»..., ed. cit., p. 69.

<sup>116</sup> Sebastião Cesar de MENEZES, Summa política / offerecida... por Sebasteao Cesar de Meneses, eleito bispo Conde de Coimbra, Amsterdam, Simaõ Dias Soeiro, 1650, 12.º; «Beijo as mãos a V. S. pola mercê que me fez do livro político do Bispo de Coimbra que de tal autor não pode sair cousa que não seja muito boa...» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 v.

117 Sebastião Cesar de MENESES, Relectio de ecclesiastica hierarchia ad caput cleros et ad cap. perlectis 21 et 25 distinctione: in tres partes divisa..., Conimbricae: typis Didaci Gomez de Loureyro, 1628, 4.°; Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «Biblos» e «polis», ed. cit., p. 68.

118 «...mas eu estimara igualmente outro livro que não poderá não ser ruim, pois a jornada do prior de Sedofeita – sendo ele um boníssimo eclesiástico – foi tão ignominiosa para esse reino. Quanto não crerá quem não houver tocado Roma nem lido as lágrimas com que a lamentava no meio de suas prisões o def.<sup>to</sup> infante D. Duarte em cartas a Manuel Álvares Carrilho, quasi acautelando-o dos atoleiros deste seu simplicíssimo antecessor.» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 v.; Refere-se com certeza à obra publicada em Lisboa no ano anterior – *Vox turturis Portugallia gemens ad Pontificem Summum pro Rege suo...* – Cf. Francisco Inocêncio da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, VI, p. 289; Martim de ALBUQUERQUE, «*Biblos*» *e «polis*»..., ed. cit., p. 68, n. 224.

- 119 António Carvalho de PARADA (1595-1655), Arte de Reynar, Paulo Craesbeeck, Bucellas, 1644, 2.º.
- <sup>120</sup> Álvaro Pires de TAVORA, Historia de varoens illustres do apellido Tauora: continuada en os senhores da Caza e Morgado de Caparica..., Paris, Sebastiam Cramoisy e Gabriel Cramoisy, 1648, fol.
- 121 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1-6-1648 B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 586 r.-587 v. Na biblioteca que lhe foi confiscada, D. Vicente Nogueira tinha também o *De Justo Imperio Lusitanorum Asiatico* de Serafim de Freitas (Valladolid, 1625), a *Execucion de políticas y brevedad de despachos*, de Luís Álvares Correia (Madrid, 1629), a *Vida i echos dei Principe perfecto* de Cristóvão Ferreira de Sampaio Cf. Martim de ALBUQUERQUE, «*Biblos» e «polis»*…, ed. cit., p. 68, n. 224.
- 122 Johannes CUROPALATES, Historiarum compendium: quod incipiens à Nicephori Imperatoris à benicis obitu, ad Imperium Isaaci Comneri pertinet..., Veneza, Domenicum Nicolinum, 1570, fol.

Menasses<sup>123</sup>... – a propensão do erudito exilado está, mais uma vez, marcada pela modernidade...

Recorde-se a incondicional admiração que manifesta, com apenas trinta anos, pela obra de Jacque de Thou<sup>124</sup>. Numa carta de 28 de Setembro de 1615 escreve: «Si dixere à V. S. que no he leido mejor Historia que la suya (con ser medianamente versado en todas) ni aun otra que en mi juizio se le yguale, no serà lisonja ni encarecimiento, y qualquiera que con cuydado la miráre, entenderà bien, que pueda ser idea ô espejo, al qual se ayan de examinar las que adelante salieren (...) Concluyo, Señor, este punto, con que la tengo por la mas verdadera historia de las humanas»<sup>125</sup>.

E esta predilecção pela tratadística histórica – que vem desde o patrocínio da edição da *Guerra de Granada* de Diego Hurtado de Mendonza – acompanhá-lo-á até ao fim dos seus dias. Na já referida carta de 8 de Março de 1649<sup>126</sup>, D. Vicente Nogueira fala nas memórias do Duque de Rohan – *Memoires du duc de Rohan, sur les choses advenues en France*<sup>127</sup> – como sendo «hum pedaço de ouro» que sabia de cor, como sabia Maquiavel. Entre as mais procuradas e referidas está *Il Mercurio*<sup>128</sup> de Vittorio Siri – de que, em 1648, ainda lhe faltavam os últimos cinco volumes<sup>129</sup> e em 1649 o volume vigésimo quinto<sup>130</sup>... – a «Historia del Guicciardino»<sup>131</sup>, na edição de Genève, a «História Pontifical de Gonzalo de Llescas»<sup>132</sup>,

<sup>123</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17-2-1648 - B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 634-641 v.

<sup>124</sup> Manuel Lopes de ALMEIDA, D. Vicente Nogueira e o historiador de Thou, Arquivo Bibliografico Português, I, 1955.

<sup>125</sup> D. Vicente NOGUEIRA para Jacque-Auguste de Thou, Lisboa, 28-9-1615 – Jac. Augusti Thuani, *Historiarum sui temporis – Sylloge Scriptorum varii generis et argumenti...*, Tomus Septimus, Londini, Samuel Buckley, MDCCXXXIII, p. 82 v.-83 r.

<sup>&</sup>lt;sup>126</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8-3-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fl.522 r.-523 v.

<sup>&</sup>lt;sup>127</sup> Henri de ROHAN (1579-1638), *Memoires du duc de Rohan, sur les choses advenues en France depuis la mort de Henry le Grand, jusques a la paix faite avec les Reformez au mois de iuin 1629*, Seconde edition, augmentee d'un quatriesme livre, et de divers discours politiques du mesme auteur, cy-devant non imprimez, Lowijs Elzevier, 1646, 12.°; Veja-se também: D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 29-11-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 520 v.

<sup>128</sup> Vittorio SIRI (1608-1685), Il Mercurio ouero historia de' correnti tempi di D. Vittorio Siri consigliere elemosinario..., Casale, Christoforo della Casa, 1644, 4.º.

<sup>129 «</sup>E assi mais, ou V. S. esteja em Paris como desejo, ou seja já passado à Rochela, me mande polo mesmo vigiar se usados e a bom preço se acham de Mercúrio francês, os tomos que nomearei, porque, em Bologna, fez agora o meu respondente compra da *História despois da paz* em dous tomos, e dos mercúrios que a seguem os primeiros vinte um tomos, tudo em quinze escudos que são cinquenta libras. E estimaria ter os mercúrios que me faltam, convém a saber o tomo 22, 23, 24, advertindo que no preço se não passe de escudo por volume e que vão continuados os meus, sem ficar nenhum vazão. Quero dizer que se se achasse o 25 e 26 se não compre se não se acharem primeiro os 22, 23, 24» — D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 10-2-1648 — B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 617 r.-622 v.

<sup>&</sup>lt;sup>130</sup> «E pois falamos em livros, peço a V. S. me compre o tomo 25 do Mercúrio, que é só o que me falta, com que – e com os dous da *História da Paz* de P.º Matthieu – tenho todos os 27 da obra inteira, que valem mais vinte sete mil reis que os trinta e dous mil que custaram a D. R.º de Melo trinta e duas repúblicas que aqui em Roma acharia por menos de seis mil reis» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, 8-3-1649, Roma – B.P.E., cód. CVI/2-11, fl.522 r.-523 v.

<sup>&</sup>lt;sup>131</sup> Francesco GUICCIARDINI, Histoire des guerres d'Italie, Jérôme Chomedey, [s.d.], [s.l.], [Genève]; Francesco GUICCIARDINI, L' historie del Guicciardino, nuouamente ridotte in compendio da M. Manilio Plantedio..., Roma, Gioseppe degli Angioli, 1572, 8.º.

<sup>132 «</sup>Ontem comprei a História Pontifical de Ilhescas daquela belíssima 3.ª edição do ano de 1574 em Burgos, do mais

os Annales de Baronio  $^{133}$ , a Rerum Germanicarum de Lotichio  $^{134}$ e a tão demandada obra de Alfonso Chacon  $^{135}$  .

E no que à lituratura histórica portuguesa dizia respeito, o apreço de D. Vicente Nogueira ia todo para as crónicas dos reis de Portugal e para a história da expansão lusa. E persiste em olhar tudo com ponderada selectividade. É sinal curioso aquilo que revela ao lamentar a perda das «Monarchias» de Fr. António Brandão (1584-1637)<sup>136</sup>, confessando que a tristeza não teria sido tanta se houvesse perdido as de Frei Bernardo de Brito (1569-1617)<sup>137</sup>: «venham [os livros] na caxa das conservas para que me não cheguem perdidos e emelados como as *Monarchias* de Fr. António Brandão, que se o desastre acontecera nos Britos, me dera menos pena...»<sup>138</sup>.

E, porque em Roma «de livros portugueses não há curiosos» – leitores e compradores... –, adverte o Marquês para que lhe enviasse apenas os que lhe pedia de forma a que não se perdessem moedas em livros desqualificados<sup>139</sup>. Tinham-lhe oferecido há pouco tempo, aliás, a

excelente papel e letra, e que há quasi oitenta anos se taixou em 44 reales. Julgue V. S. o que seria hoje. Se V. S. encontrar a 3.ª parte inteira compre-ma somente, porque espero haver aqui todas as que se seguem à 3.ª» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 9-1-1650 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 524 r.-525 v.; Gonzalo de LLESCAS, *Historia pontifical y catholica...*, 3.ª edição, Burgos, Martin de Victoria ..., 1578, fol.

133 Cesare BARONIO, (1538-1607), Annales ecclesiastici / auctore Caesare Baronio Sorano, ex congregatione oratorii..., 12 v. (1.º: Veneza, 1705...; 12.º: Ticini, 1641).

134 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8-3-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fl.522 r.-523 v.; Joannes Petrus LOTICHIUS, Jo. Petri Lotichij Rerum Germanicarum, sub Matthia, Ferdinandis 2. & 3. Impp. gestarum, libri 55..., Wolfgangi Hoffmanni, 1646, fol.

135 Marquês de NIZA para D. Vivente Nogueira, Lisboa, 29-6-1649 – B.N.P., cód. 1977, fól. 24 v.-27 r.; Alfonso CHACON (1540-1599), *Vitae et res gestae pontificum...*, Francisco Cabrera ..., & Andrea Victoriello, Roma: typis Vaticanis, 1630, fól.; «O chacon dos novos – que na almoneda do Cardeal Ubaldino, sendo muito rogado, comprei em 4 escudos, e núa grande necessidade para comer vendi em 16 – não dece já dos 20. Mas ameaçam os livreiros que dentro de um ano valerá 30. E se eu tivera dinheiro logo o comprara para V. S., mas faço com os livreiros melindre de deixá-lo por caro, até poder» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 v.

136 António BRANDÃO (O. Cist.), Terceira parte da Monarchia lusitana: que contem a historia de Portugal desdo Conde Dom Henrique, até todo o reinado delRey Dom Afonso Henriques..., Lisboa, Pedro Craesbeck, 1632. 2.º; Antonio BRANDÃO (O. Cist.), Quarta parte da monarchia lusitana. Que contem a historia de Portugal desdo tempo del rey dom Sancho Primeiro, ate todo o reinado del rey d. Afonso 3..., Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1632, fol.

137 Do projecto de escrever a história de Portugal desde as suas origens mais remotas em oito partes com o título génerico de Monarquia Lusitana só conseguiu redigir duas partes, a primeira publicada em 1597 e a segunda em 1609. Bernardo de BRITO (O. Cist.), Monarchia Lusytana composta por frey Bernardo de Brito chronista geral e religioso da ordem de s. Bernardo, professo no Real mosteiro de Alcobaça: Parte primeira que contem as historias de Portugal desde a criação do mundo te o nacimento de nosso sñor Iesu Christo, Alcobaça, Alexandre de Siqueira & Antonio Aluarez, 1597, 2.º.

138 D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 10-2-1648 - B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 617 r.-622 v.

139 «Esperava que V. S. me houvesse comprado muitos livros dos que lhe pedia e quasi me não manda nenhuns, pois no rol cuido que não são mais de sete. Mas o que sinto mais é mandar-me o que lhe não pedi, como a Crónica de El-Rei D. João primeiro, composta por D. R.º da Cunha, que eu tinha cá como V. S. o viu no meu rol. E cá de livros portugueses não há curiosos e assi fica a despesa perdida. Que de S. Bento pedia a V. S. a Crónica composta pelo doutor Fr. Leão, que não cuido é esta *Benedictina* que me vem.» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de NIZA, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 v.

terceira Década de João de Barros, a quarta e quinta de Diogo de Couto<sup>140</sup>, os comentários de Afonso de Albuquerque<sup>141</sup> e os seis primeiros livros da História da Índia de Castanheda. Por isso, pedia que lhe comprasse em Lisboa, exclusivamente, as «Crónicas dos reis de Duarte Nunez de Leão<sup>142</sup> (...) a Crónica do Condestable Dom Nuno Álvares<sup>143</sup>, a primeira e 2.ª Década de Barros<sup>144</sup>; a 4.ª de João Bautista Labanha<sup>145</sup>; a 6.ª de 7.ª de Diogo do Couto; o 7.º, 8.º do Castanheda<sup>148</sup>; (...) a Crónica d'EL-Rei D. João 2.º de Resende e a do mesmo, sendo Príncipe, de Damião de Góis<sup>149</sup>; a d'El-Rei D. João 3.º de Francisco de Andrade<sup>150</sup>; a de D. Luís de Ataíde<sup>151</sup>; o primeiro cerco de Diu de Lopo de Sousa Coutinho<sup>152</sup>; os livros todos de Dom Agostinho Manuel<sup>153</sup>, ainda que sejam velhos com tanto que sejam inteiros...»<sup>154</sup>.

<sup>140</sup> Diogo de COUTO, Decada quarta da Asia, dos feitos que os portugueses fizeram na conquista e descobrimento das terras, & mares do Oriente..., Lisboa, Pedro Crasbeeck, no Collegio de Santo Agostinho, 1602, 2.º.

<sup>&</sup>lt;sup>141</sup> Afonso de ALBUQUERQUE (1462-1515), Commentarios de Afonso Dalboquerque capitão geral e gouernador da India..., por Ioam de Barreyra, 1557, 2.º; Afonso de ALBUQUERQUE (1462-1515), Commentarios do grande Afonso Dalboquerque [sic], capitam geral que foy das Indias Orientaes, em tempo do muito poderoso Rey dom Manuel..., Lisboa, João de Barreira, 1576, 2.º.

<sup>142</sup> Duarte Nunes de LEÃO, Primeira parte das Chronicas dos reis de Portvgal / reformadas pelo licenciado Dvarte Nvnez do Lião..., Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600, 2.º.

<sup>143</sup> Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nunalvrez Pereyra principiador da Casa de Bragança, Lisboa, Antonio Alvarez, 1623.

<sup>144</sup> João de BARROS, Decada primeira [-terceira] da Asia de João de Barros. Dos feitos que os portugueses fezerão no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente..., Lisboa, Jorge Rodriguez: aa custa de Antonio Gonçalvez mercador de livros, 1628, 2.º.

<sup>&</sup>lt;sup>145</sup> Quarta decada da Asia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizerão no descobrimento, e conquista dos mares e terras do Oriente, Madrid, na Impressão Real, 1615, 2.º.

<sup>146</sup> Diogo de COUTO, Decada sexta da Asia: dos feitos que os portugueses fizerao no descobrimento dos mares, & conquistas das terras do Oriente: em quanto governarao a India Dom Joao de Castro, Gracia [sic] de Sá, Jorge Cabral, Dom Affonço de Noronha.... Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1614, 2.º.

<sup>&</sup>lt;sup>147</sup> Diogo de COUTO, Decada setima da Asia: dos feitos que os portugueses fizera\u00f3 no descobrimento dos mares, \u00f3 conquista das terras do Oriente: em quanto governara\u00f3 a India Dom Pedro Mascarenhas, Francisco Barreto, Dom Constantino, o Conde do Redondo Dom Francisco Coutinho, \u00b3 Joa\u00f3 de Mendo\u00e7a..., Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1616, 2.\u00b3.

<sup>&</sup>lt;sup>148</sup> Fernão Lopes de CASTANHEDA (1500-1559), Historia del descybrimiento y conquista de la India por los Portugueses..., Anvers, Martin Nucio, 1554, 8.º.

<sup>149</sup> Damião de GOIS (1502-1574), Chronica do principe Dom Ioam, Rei que foi destes Regnos segundo do nome em que summariamente se trattam has cousas sustanciaes que nelles acontecerão...., Lisboa: em casa de Francisco Correa, 1567, 2.º.

<sup>150</sup> Francisco de ANDRADE, (1540-1614), Cronica do muyto alto e muito poderoso Rey destes reynos de Portugal Dom João o III. deste nome..., Lisboa: Jorge Rodriguez, 1613, 2.º.

<sup>&</sup>lt;sup>151</sup> António Pinto PEREIRA, (?-1587), *Historia da India, no tempo em que a governou o visorey Dom Luis D'Ataide...*, Coimbra: Na impressam de Nicolao Carvalho, 1617, 2.º.

<sup>152</sup> Lopo de Sousa COUTINHO, Liuro primeyro [-segundo] do cerco de Diu que os Turcos poseram à fortaleza de Diu / per Lopo de Sousa Coutinho, fidalgo da casa do inuictissimo Rey dom Ioam de Portugal ho terceyro deste nome, Coimbra, João Aluarez, 1556, 2.º.

<sup>153</sup> Agostinho Manuel de VASCONCELOS (1584-1641), Vida de Don Duarte de Meneses, tercero Conde de Viana, y sucessos notables de Portugal en su tiempo..., Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1627, 4.º; Agostinho Manuel de VASCONCELOS (1584-1641), Svcession del señor Rey Don Felipe segundo en la corona de Portugal..., Madrid, Pedro Tazo, 1639, 8.º; Agostinho Manuel de VASCONCELOS (1584-1641), Vida y acciones del Rey Don Juan el segundo, decimotercio de Portugal..., Madrid, Maria de Quiñones, 1639, 4.º.

<sup>154</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 - B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 v.

Para além do interesse pessoal de português e erudito, é bem possível que esta atenção dada à gesta da expansão fosse motivada pela certeza de que estas obras teriam grande receptividade nos gostos históricos e exóticos do mundo cosmopolita que se agitava em Roma...

### 4.3. Leituras Espirituais

Na correspondência de D. Vicente Nogueira, os livros de espiritualidade, *stricto sensu*, não são um filão particularmente vigoroso, o que se poderá explicar tanto pela concepção relativamente àquilo que deveria ser a biblioteca – e a leitura – de um alto senhor como D. Vasco Luís da Gama, como pelos limitados interesses de sua esposa, Dona Leonor de Noronha. Há, no entanto, obras selectas profusamente referidas e insistentemente procuradas. O caso mais significativo é provavelmente a obra que designa como a «Bíblia interlineal de Pagnino». Refere-se à famosa Bíblia do frade Dominicano Sante Pagnini (1470 - 1541), o primeiro estudioso, depois de S. Jerónimo, a completar uma tradução latina do texto sacro a partir do hebraico e do grego, publicada a primeira vez em Lion em 1542. D. Vicente Nogueira já tinha comprado – havia alguns anos antes, na Holanda... – um exemplar que infelizmente se perdera 155. Por isso, usa os favores do Marquês para conseguir um outro exemplar. É numa carta de 29 de Junho de 1649, escrita em Lisboa, que D. Vasco lhe dá notícia de que, no primeiro navio, lhe remeteria «a Bíblia Sant Panini» 156...

E o critério para escolher e encomendar livros de espiritualidade, mais do que pelo gosto e pelo tempo de D. Vasco, estava muito determinado pela sensibilidade e pela vivência de Dona Leonor de Noronha, retractada nesta correspondência como uma leitora efectiva e consistente. Aliás a vida espiritual que a Marquesa sustentava – pelos rigores a que se comprometia – era motivo de preocupação dos interlocutores<sup>157</sup>. «Começo em nome da Marquesa – escreve D. Vasco Luís da Gama numa carta de 27 de Setembro de 1647, de Paris – a dar a V. M. as graças pelos livros que V. M. lhe manda – que passam muito dos doze – e que V. M. falou na sua primeira carta. Mas, é certo, lerá todos, porque só os de devoção

<sup>155</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 v.; «Mas a Bíblia de Pagnino me chegara com muito gosto» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 13-12-1649 – B.P.E., cód CVI/ 2-11, fól. 517 v.-517 r.; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 v.; «A Bíblia de S. Panino, com outros livros, haverá V. M. já recebido» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 20-4-1650 – B.N.L., cód. 1977, fól. 66 v.-72 r.

<sup>&</sup>lt;sup>156</sup> Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 29-6-1649 – B.N.P., cód. 1977, fól. 24 v.-27 r.

<sup>157</sup> Dona Leonor de Noronha passava os dias no oratório a ler livros espirituais... – Cf. Marquês de NIZA, 20-04-50 – B.N.L., cód. 1977, fól. 69 v.; Como os jejuns e as orações constantes vinham em prejuízo da sua frágil saúde... – Cf. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-9-50 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 698 v.; Na Vidigueira, confessava-se no convento dos frades Capuchos da Piedade... – Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 105 r.

lê, porque todas as tardes que pode gasta com as freiras da Madre de Deus, e todos os dias, no oratório, quatro horas ao menos. E dou graças a Deus de me dar mulher que, geralmente, tem ganhado a opinião em Portugal e ũa notável estimação»<sup>158</sup>. E noutra, do mesmo ano: «Mas em nome da Marquesa aceito os doze espirituais castelhanos, porque há muitos anos que não quer ler outros, e de Madrid lhe tenho mandado vir alguns, e se V. M. tivera mais conhecimento da Marquesa com maior razão me dissera dela o que me diz»<sup>159</sup>.

E – como acontecia com tantos senhores e com outros que o não seriam tanto... –, a esfera de D. Vasco Luís da Gama era particularmente sensível ao universo e à espiritualidade da Companhia. Pelo Padre António Vieira – o político, o diplomata, mas também o orador sacro (facetas muitas vezes tão difíceis de separar)... – mostra uma admiração incondicional<sup>160</sup> corroborada por Vicente Nogueira que se lhe refere como um «milagre», um «prodígio»<sup>161</sup>, de tal forma que chega a declarar que em dezasseis anos de Roma não fora ali, de Portugal, maior sujeito<sup>162</sup>. A Marquesa lia assiduamente os sermões do Padre João Eusébio<sup>163</sup> e tinha como confessor o jesuíta Luís Brandão a quem a família devia particulares favores»<sup>164</sup>. E depois são as repetidas diligências para conseguir os «livros da

<sup>158</sup> Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 27-9-1647 - B.N.P., cód. 2667, fól. 159 v.-160 v.

<sup>159</sup> Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, ?, ?, 1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 122 v.-124 r.

<sup>160</sup> Quando o Padre António Vieira vai, na primeira missão diplomática, a Paris – onde chega a 20 de Fevereiro de 1646 – não encontra o Marquês de Niza que tinha partido a embarcar em Nantes, de regresso a Portugal. O jesuíta deixaria Paris no dia 2 de Abril, Domingo de Páscoa – Cf. Isabel Allegro de MAGALHÃES, *História e Antologia da Literatura Portuguesa – século XVII*, volume III, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 826. Encontrá-lo-ia na capital francesa no ano seguinte: «O Padre António Vieira é tão vivo que fica em minha companhia e é um grande sujeito. E começámos a entrar em alguns negócios de importância» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 15-10-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 173 v.-174 r. 161 «Com o P.º António Vieira hei tido já duas longas sessões, cada ũa em seu negócio, e fico assombrado do que neste homem tenho descuberto. Parece-me um milagre, parece-me um prodígio, e como no que até aqui hei vivido lhe não conheço igual, assi não espero já vê-lo no pouco que me restar» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/ 2-11, fól. 683 r.-689 r. A primeira jornada do Padre António Vieira a Roma aconteceu de Fevereiro a Junho de 1650. Saiu de Lisboa com destino a Lionne a 8 de Janeiro de 1650 e regressou em Junho em data desconhecida – Cf. Isabel Allegro de MAGALHÃES, *História e Antologia da Literatura Portuguesa...*, ed. cit., p. 832.

<sup>162</sup> Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 21-5-1651 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 671 r.-674 r. D. Vicente sentia que o Padre António Vieira lhe tinha particular amizade... – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-09-1650 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 702 v.; E de facto, na versão do Marquês, P. António Vieira teria falado com o rei sobre a pessoa e a situação de D. Vicente Nogueira... – Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 100 v.; 103 r.; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8-05-51 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 671 r.-674 r.; Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 19-07-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 124 v.-127 r.

<sup>&</sup>lt;sup>163</sup> Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 31-05-54 – B.N.L., cód. 1977, fól. 188 r.

<sup>164 «</sup>Poucos dias há que por via de França e Holanda escrevia V. M. largo. Agora o torno a fazer por esta nau ingresa que se pôs a carga em que passam o provincial e mais religiosos da Companhia, sendo um deles o Padre Doutor Luís Brandão, confessor da Marquesa, a quem devemos particulares obrigações, o qual, conforme a razão, deve fiar por assistente e em que V. M. terá um boníssimo companheiro, se se não detreminar a vir gozar dos ares da pátria, conforme ao que nas outras cartas tenho escrito a V. M., em razão do que passei com o secretário Pedro Vieira tocante a este particular.» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 17-12-1649 – B.N.L., cód. 1977, fól. 54 v.-57 v.

Companhia»<sup>165</sup> que mostram a importância dada à espiritualidade inaciana que, desde a pedagogia à pastoral, dava as razões e meios para a transformação cristã do mundo sustentada antes de mais pela alta nobreza e espelhada em exemplos..., emblemas..., teatro..., sermões..., associações marianas e confrarias...

E é possível precisar um pouco mais o que afirmávamos das leituras preferidas pela Marquesa. Em 1 de Junho de 1648, D. Vicente Nogueira fez uma lista dos livros proibidos que poderiam interessar a Dona Leonor de Noronha e para os quais tentava obter uma licença particular na tentativa de se isentarem das proibições definidas pelas inquisições ibéricas. «Até não ter alcançado a licença de V. S. não falarei na da Senhora Marquesa minha Senhora, porque como aquela é de livros nomeados e todos vulgares, creio me será muito mais fácil. Mas estou perplexo em os que hei-de nomear, porque não quisera me ficara de fora nenhum de seu gosto. E os que determino são os seguintes e V. S. avise logo os que mais quer que se peçam» lé6. E são as «Horas inteiras de Nossa Senhora» ló7 – «inteiras» porque com os salmos penitenciais, o ofício de defuntos e as «paixões dos quatro Evangelistas»; as «Epístolas e Evangelhos de todo o ano com os sermões de Fr. Ambrósio Montesinos» ló8; a «2.ª parte do Vilhegas que contém a vida de nossa Senhora e de todos os santos da lei velha, que aí só se proíbe, como que foramos todos judeus»; os cinco tomos do «Spelho da Consolação los tristes que em bom Português é todo o Testamento Velho

<sup>165</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 10-6-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 554 r.-555 v.; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 12-03-50 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 694 r.; Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Vidigueira, 27-01-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 102 r.; Seria particular o privilégio em ter «os dezasseis volumes do governo da Companhia...» quando até para muitos padres da própria Ordem era uma obra restrita... – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-50 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 670 r.-670 v.; A páginas tantas – quando refere que, no que aos livros dizia respeito, o importante era a qualidade e não tanto a quantidade... – diz preferir «as 16 cartilhas do governo da Companhia» que mandaria ao Marquês na próxima nau, que os 18 volumes das duas bíblias régias e Richilio»... – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8-05-1651 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 671 r.-674 r.; Os tão referidos livros do governo da Companhia só foram concedidos na condição de serem para D. Vicente Nogueira que os legaria, depois de falecido, ao Marquês... – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 8-05-51 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 673 r.

<sup>166</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1-6-1648 - B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 586 r.-587 v.

<sup>167</sup> Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 27-3-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 661 r.-662 r.

<sup>&</sup>lt;sup>168</sup> Cf. também D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-6-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 549 r.-549 v.; Ambrosio MONTESINOS, *Epistolas y euangelios, para todo el ano, segun lo tiene ... la sancta madre Iglesia Romana, con sus doctrinas y sermones...*, Medina del Campo, Francisco del Canto, 1586, fol.

<sup>&</sup>lt;sup>169</sup> Alonso de VILLEGAS, Flos Sanctorum: segunda parte y historia general en que se escrive la vida de la Virgen, Toledo, Juan Rodriguez, 1588.

<sup>&</sup>lt;sup>170</sup> «e os cinco tomos de *Espelho de Consolação* que é toda a Bíblia antiga apostilada por Nicolau de Lira» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-10-1648 – B. P. E, cód. CVI/ 2-11, fól. 630 r.-633 r.; «E como já lhe mandei as epístolas e evangelhos lhe mando agora os cinco volumes de *Espejo de Consolacion*, que é, em suma, toda a sagrada escritura e não nua, mas vestida com a glossa de Nicolao de Lyra, porque o Fr. João de Dueñas se propos encerrar tudo isto naquela obra» – Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 26-6-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 546 r.-548 v.; Cf. também: D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 27-3-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 661r.-662r.;

comentado por Nicolao de Lyra»; também «todas as antiguidades judaicas de Josefo e a sua História, livro precioso que nunca alcancei senão nesta livraria do condestable Colona por boa fortuna minha para mandar a S . E.; Para entretenimento e riso – porque «nem tudo há-de ser chorar pecados» – pensava enviar também «Lazarillo de Tormes, Celestina e sua ressurreição, Diana e algum outro semelhante» <sup>171</sup>.

Pouco tempo depois, o Marquês de Niza escrever-lhe-á: «Os livros que V. M. me aponta determina nomear para a licença da Marquesa me parece são os com que ela se contentará, sem V. M. se cansar com Celestina nem outros semelhantes, porquanto não lê mais que os de meditações, e vidas de santos e cousas devotas, orações, ofícios, evangelhos e epístolas e nos que V. M. me nomeou deve entrar tudo»<sup>172</sup>. E no ano seguinte, satisfazendo a sugestão do Marquês, D. Vicente diz ter prontos a enviar a *Vida Espiritual y perfección christiana*<sup>173</sup> de Fr. António Sobrino, os seis «Abecedarios Espirituales» de Francisco de Osuna<sup>174</sup>, «livro a que tive muita devação quando li em S. Teresa que o ler aquele livro lhe abriu os olhos da alma, que em Roma tudo se acha»<sup>175</sup>. Faltarão ainda as obras do jesuíta João Eusébio<sup>176</sup>, e outras, como o livro das «juderias de Holanda», que merecia ser proibido e que D. Vasco Luís da Gama só deveria ler à Marquesa quando alguma vez a quisesse fazer rir<sup>177</sup>...

De facto, como já foi apontado, os contornos da «biblioteca» da Marqueza de Niza e os atributos de leitora diligente são argumentos para que se possa inserir na melhor tradição de leituras de senhoras e damas aristocratas do século de ouro<sup>178</sup>.

D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 19-6-49 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 549 r.-549 v.; Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 12-9-49 – B.N.L., cód 1977, fól. 39 v.-46 r.

<sup>&</sup>lt;sup>171</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1-6-1648 - B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 586 r.-587 v.

<sup>172</sup> Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 26-6-1648 - B.P.E., cód. 106/2-4, a fól. 268 r.-268 v.

<sup>173</sup> Fr. António SOBRINO, *Vida Espiritual y perfecion christiana*, Valência, Juan Crisostomo Garriz, 1611, 4.°; D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 1-2-1649 – B. P. E., cód. CVI/2-11, fól. 649 r.-651 v.

<sup>&</sup>lt;sup>174</sup> Manda-lhe uma edição em seis tomos... – Cf. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 29-1-50 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 682 v.; Francisco de OSUNA († 1540), *Sexta parte del abecedario espiritual...*, Medina del campo, Matheo y Francisco del Canto, 1554, 4.°.

<sup>175</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-9-1649 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 559 r.- 560 r. «Num caixãozinho que mando a El-Rei, de livros que me mandou lhe comprasse, me hei atrevido a meter um maço para V. S., que ocupa boa parte dele, no qual presento a V. S. os *Elogios* de Jovio que tanto desejava e tanto me custou de trabalho achá-los. E para a Senhora Marquesa minha Senhora os Abecedários de Ossuna a em seis tomos, a cuja lição Santa Teresa confessa dever a sua conversão e espiritualidade» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 5-3-1650 – B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 681 r.-682 v.

<sup>&</sup>lt;sup>176</sup> Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 31-05-54 – B.N.L., cód. 1977, fól. 188 r.

<sup>177</sup> Cf. D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 29-11-49 - B.P.E., Cód. CVI/ 2-11, fól. 520 r.

<sup>&</sup>lt;sup>178</sup> Cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, Lectura Espiritual..., ed. cit., pp. 48-49.

#### 4.4. Textos Proféticos

Embora não tenhamos argumentos para interpretar isso como resultante de uma contaminação do racionalismo de Maquiavel que tanto admirava, é um facto que D. Vicente Nogueira revela ser pouco dado a textos proféticos, visionários, ou apocalípticos... Consistentes são os sinais de que era – tanto por D. Vasco Luís da Gama como por D. João IV – solicitado recorrentemente para encontrar textos e livros desta índole. Convirá que recordemos que o Marquês foi o tal «grande Senhor de Portugal» que promoveu a edição de Nantes de 1644 das *Trovas* do Bandarra o que o coloca, naturalmente, em consonância com as ideias sebásticas que ressoavam no Portugal dos seus dias...

Na correspondência, a primeira notícia sobre profecias aparece numa carta do Marquês escrita precisamente em 23 de Agosto de 1647 em que mostra um certo desalento por não encontrar a obra de Jerome Wecchiettus<sup>179</sup> – escritor florentino, Doutor em Teologia e autor de «Opus de anno primitivo ab exordio mundi…» 180 – que D. Vicente Nogueira lhe gabara por aquilo que dizia de Portugal 181. Era diferente o estado de espírito dois meses mais tarde: com manifesto gáudio, diz conhecer já as ditas profecias, por um livro que D. Vicente Nogueira lhe emprestara e que pensava usar enquanto não recebesse o exemplar já encomendado na Alemanha 182. E o Padre António Vieira, com quem, como seria de esperar, partilhou estas leituras, disse-lhe já conhecer o dito livro pelo facto de o ter, em Lisboa, o Bispo do Porto 183.

Em Janeiro de 1648 D. Vasco diz estar em vias de receber as afamadas obras de Tommaso Campanela<sup>184</sup>. Aliás, para conseguir as edições do teólogo Dominicano, D. Vicente já tinha escrito para Paris, para Manuel Fernandes Vila Real, com o intuito de saber que obras se poderiam alí comprar e a que preços<sup>185</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>179</sup> «Livrou-me V. S. com avisar-me do Vecchietti de não fazer cá dele algũa compra errada. Mas folgarei de saber quanto lhe custou...» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, 19-10-1648 – B. P. E, cód. CVI/ 2-11, fól. 630 r.-633 r.

<sup>&</sup>lt;sup>180</sup> Jerome WECCHIETTUS, Opus de anno primitivo ab exordio mundi ad annum Julianum accommodato, et de sacrorum temporum ratione, Augusto-Vindelicorum, 1621, fol.

<sup>&</sup>lt;sup>181</sup> Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 23-8-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 133 r.-133 v.

<sup>182</sup> Em Outubro de 1648 já o tinha em mãos... – Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 19-10-1648 – B. P. E, cód. CVI/ 2-11, fól. 630 r.-633 r.

<sup>&</sup>lt;sup>183</sup> «Fica-me a cópia da profecia de Vicchiety que o Padre António Vieira folgou de ver e tem muita notícia deste livro pelo ter em Lisboa o Bispo do Porto, e quando me não venha outro de Alemanha então me valerei do de V. M…» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Paris, 15-10-1647 – B.N.P., cód. 2667, fól. 173 v.-174 r.

<sup>184 «</sup>Está Sua Majestade com muito cuidado por lhe não acabar de chegar o caixão que tantos meses [...] em Liorne e que também eu, Francisco d'Almeida temos parte. E esta somana me chegarão todos os livros de Campanela de que mandei memória a V. M» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 19-1-1648 – B.P.E., cód. 106/2-11, fól. 219 r.-219 v.

<sup>&</sup>lt;sup>185</sup> «Mandei pedir ao Senhor Capitão Vila Real um rol de quantas obras de Campanela se acham em Paris e dos seus preços, mas suas muitas ocupações o fazem não satisfazer a curiosidades tão sobejas» – D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 17-2-1648 – B. P. E, cód. CVI/ 2-11, fól. 634 r.- 641 v.

Por uma carta de 4 de Maio desse mesmo ano, ficamos a saber que D. Vicente – porque o Marquês lhas havia pedido – fez questão de presentear D. Vasco com as obras de Savonarola e, acto contínuo, diz não se lembrar de algum dia ter visto as profecias de Rocacelsa. As de Merlim sim, tinha-as visto, manuscritas, em Castela, e assegurava serem muito semelantes às de Bandarra<sup>186</sup>.

E a demanda de textos visionários manteve-se... Numa carta de 11 de Janeiro de 1649, de uma forma lacónica, D. Vicente responde à insistência: «Profecias de Roquecelsa não vi nem ouvi nomear se não a V. S.» 187. Em 1651 — porque afinal não os conseguira pela via esperada — D. Vasco pede ao erudito que lhe compre os «cinco livros» de Campanela 188. Na resposta, D. Vicente conta: «De quantos livros de Campanela V. S. deseja e pede, não achei nenhum se não o chamado «Medicinalis», porque são tão pedidos e desejados que nenhum só se acha nunca nos livreiros. E nem esse me chegaria às mãos se não fora a desgraça do D.º Castellano, lente de prima de medicina e médico já de algum Papa. E não estou certo que se achem estampados os 4, mais que a V. S. não mando, porque realmente os não vi nunca. Fico todavia advirtido para pedi-los de Veneza e Basileia, porque me dizem que apenas se acabavam de imprimir as particulares obras deste autor em Leão, quando os mercadores, da vezinha janela, as passavam pelo largo e levavam a Alemanha» 189...

E há sinais de que esta insistente e disseminada procura era muito determinada pela vontade real<sup>190</sup>. D. João IV, aliás, manifestava ira pela retardação<sup>191</sup> que, em alguns casos, se estenderia até 1652... Numa missiva de 27 de Junho desse ano, D. Vasco mandaria ainda uma lista dos que o rei já tinha, reiterando a ideia da determinação para se conseguirem as que faltavam<sup>192</sup>.

Recorde-se que o momento que se vivia era reconhecidamente decisivo. Depois das Cortes de Lisboa, em Janeiro de 1646, Portugal reorganizou-se e decidiu concentrar de novo todas as suas energias na guerra da restauração 193. Em 1648, Espanha — que sofria, como Portugal, carências militares e financeiras enormes.... — ganha um alento novo com o fim da «guerra dos trinta anos» lançando agora sobre Portugal todo o seu peso militar...

<sup>186</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 4-5-1648 - B. P. E., cód. CVI/ 2-11, fól. 642 r.-644 v.

<sup>187</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 11-1-1649 – B.P.E. Cód. CVI/ 2-11, fól. 535 r.

<sup>&</sup>lt;sup>188</sup> Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 19-07-51 – B.N.L., cód. 1977, fól. 124 v.- 127 r.

<sup>189</sup> D. Vicente NOGUEIRA para o Marquês de Niza, Roma, 21-5-1651 - B.P.E., cód. CVI/2-11, fól. 671 r.-674 r.

<sup>190</sup> O rei faria a mesma encomendo na Holanda... – Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, ?-11-52 – B.N.L., cód. 1977, fól. 159 r.

<sup>191 «</sup>Pelo do Campanela quis S. A. esperar com grande alvoroço. E El-Rei está com grande raiva dos correspondentes de Gaspar Dias de Mesquita dilatarem tanto o remeterem-lhe o caixão de V. M» – Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 26-12-1651 – B.N.L., cód. 1977, fól. 132 r.-133 v.

<sup>192</sup> Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 27-06-52 – B.N.L., cód. 1977, fól. 151 r.-153 r.

<sup>193</sup> Cf. P. M. LARANJO COELHO, Cartas de El-Rei D. João IV para Diversas Autoridades do reino, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1940.

E depois havia a campanha gigantesca que Espanha tinha empreendido por toda a Europa, com manifestos e opúsculos em que apresentava D. João IV e o movimento de 1 de Dezembro como rebeldes e usurpadores dos legítimos direitos da Coroa de Espanha... De facto, esta foi uma das prioridades do reinado de D. João IV. Tratou-se de uma enorme acção de propaganda, no plano interno e externo, só possível pela acção concertada entre a Igreja Católica e as Embaixadas. Por um lado, a Igreja encarregou-se de difundir a legitimidade do novo monarca dentro do território nacional. Por outro, além fronteiras, os diplomatas que foram enviados para as principais cortes europeias desenvolveram um trabalho intenso no sentido de consolidar a autonomia de Portugal<sup>194</sup>.

Neste contexto, a busca de profecias – particularmente as de Campanela que se havia afastado da *Monarquia Hispânica* e protagonizado uma deriva Gaulesa que naturalmente era vista com bons olhos pelo «partido português»<sup>195</sup> – poderá ser explicada por este esforço que D. João IV e os seus coadjutores faziam no sentido de reunir todos os argumentos possíveis para animar as hostes, contraditar a propaganda inimiga e legitimar o movimento restaurador. Interessante seria saber até que ponto é que esta procura de profecias teria resultado da sugestão e das leituras do Padre António Vieira...

Até D. Vicente Nogueira – apesar do referido distanciamento relativamente aos textos proféticos –, pontualmente, não resiste a usar determinados vaticínios para interpretar e analisar, com ironia, os acontecimentos: ao falar do bispo do Algarve e do facto de o inquisidor estar velho e doente, por exemplo, diz que parecia que se estavam a cumprir as profecias que falavam de que só haveria de ficar um Bispo… 196; e na carta de 6 de Fevereiro de 1651, ao referir a fragilidade do estado de Portugal lembra as profecias de Bandarra sobre o que deveria acontecer pelos anos cinquenta: «E vai em termos siso e não a soberba de Lúcifer, quando temos tantas chagas e mazelas, e um telhado tão de vidro, que quaisquer dez míseras velas nos podem tirar o fólego – secreto que se ignorou nestes quinhentos anos, e nossa ignorância o veio a descobrir neste de cinquenta, tão celebrado do Bandarra» 197.

<sup>194</sup> Luís Reis TORGAL, Ideologia política e teoria do estado na Restauração, Biblioteca geral da Universidade, Coimbra, 1981, vol. I, pp. 223-252; João Francisco MARQUES, A Parenética Portuguesa e a Restauração. 1640-1668. A Revolta e a Mentalidade, vols. I-II, INIC, Porto, 1989; Leonor Freire COSTA; Mafalda Soares da CUNHA, D. João IV..., ed. cit., pp. 196-221.

<sup>195</sup> Martim de ALBUQUERQUE, Campanela e Portugal – Do Império Messiânico ao Império Solar, Aletheia Editores, 2009.

<sup>196</sup> Cf. Marquês de NIZA para D. Vicente Nogueira, Lisboa, 17-12-49 – B.N.L., cód. 1977, fól. 54 v.-57 v.

<sup>197</sup> D. Vicente NOGUEIRA Para o Marquês de Niza, Roma, 6-2-1651 - B.A., 49-X-12, fól. 609 r.-610 v.